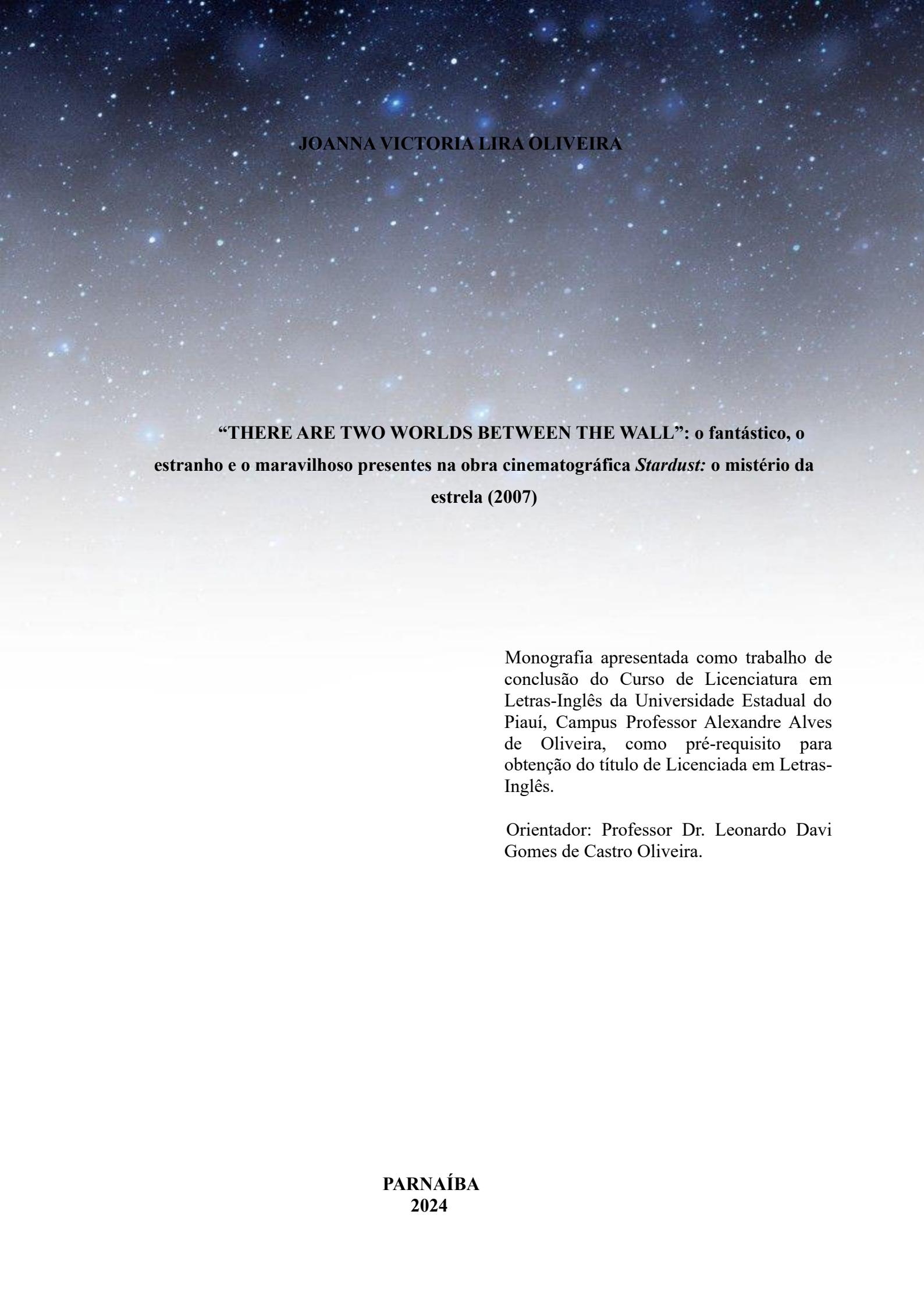


UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
LICENCIATURA EM LETRAS-INGLÊS

JOANNA VICTORIA LIRA OLIVEIRA

“THERE ARE TWO WORLDS BETWEEN THE WALL”: o fantástico, o estranho e o maravilhoso presentes na obra cinematográfica *Stardust: o mistério da estrela* (2007)

**PARNAÍBA
2024**



JOANNA VICTORIA LIRA OLIVEIRA

“THERE ARE TWO WORLDS BETWEEN THE WALL”: o fantástico, o estranho e o maravilhoso presentes na obra cinematográfica *Stardust: o mistério da estrela* (2007)

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em Letras-Ingles da Universidade Estadual do Piauí, Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras-Ingles.

Orientador: Professor Dr. Leonardo Davi Gomes de Castro Oliveira.

**PARNAÍBA
2024**

048t Oliveira, Joanna Victoria Lira.

There are two worlds between the wall: o fantástico, o estranho e o maravilhoso presentes na obra cinematográfica Stardust: o mistério da estrela (2007) / Joanna Victoria Lira Oliveira. - 2024.

69f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Curso de Licenciatura em Letras Inglês, Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba - PI, 2025.

"Orientador: Prof. Dr. Leonardo Davi Gomes de Castro Oliveira".

1. Literatura Fantástica. 2. O Fantástico. 3. O Estranho. 4. O Maravilhoso. I. Oliveira, Leonardo Davi Gomes de Castro . II. Título.

CDD 420

JOANNA VICTORIA LIRA OLIVEIRA

“THERE ARE TWO WORLDS BETWEEN THE WALL”: o fantástico, o estranho e o maravilhoso presentes na obra cinematográfica *Stardust: o mistério da estrela* (2007)

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em Letras-Inglês da Universidade Estadual do Piauí, campus de Alexandre Alves de Oliveira, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês

COMISSÃO EXAMINADORA

Professor Orientador: **Doutor Leonardo Davi Gomes de Castro Oliveira**

Universidade Estadual do Piauí – Campus Parnaíba

Professora convidada: **Doutora Renata Cristina da Cunha**

Universidade Estadual do Piauí – Campus Parnaíba

Professor convidado: **Doutor Ruan Nunes Silva**

Universidade Estadual do Piauí – Campus Parnaíba

APROVADA EM _____ DE _____ DE 2024



Fonte: Pinterest

Dedico este trabalho à minha mãe, que foi uma peça-chave para me motivar a desenvolver essa monografia, aos meus irmãos, que sempre me acompanharam nas aventuras fantásticas da vida, e aos meus animais, que me fizeram companhia nesta longa jornada acadêmica. Dedico a mim a produção deste trabalho, como um dos mais maravilhosos que já produzi e que minha “eu” do futuro possa olhar para essa monografia e lembrar o quanto eu me diverti.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, que esteve comigo durante todo o meu percurso, sustentando-me quando pensei que não conseguiria continuar.

Agradeço à minha mãe, Silvana Lira, que sempre esteve ao meu lado, incentivando-me e me dando o empurrão que me ajudaria a avançar.

Agradeço à minha família por parte da minha mãe e do meu pai, todos os meus avós, primos, tias, sobrinhos e irmãos, com quem passei os melhores momentos da minha vida.

Agradeço à minha cunhada, Ana Brígida, que sempre tenta me animar, amiga de doramas e animes.

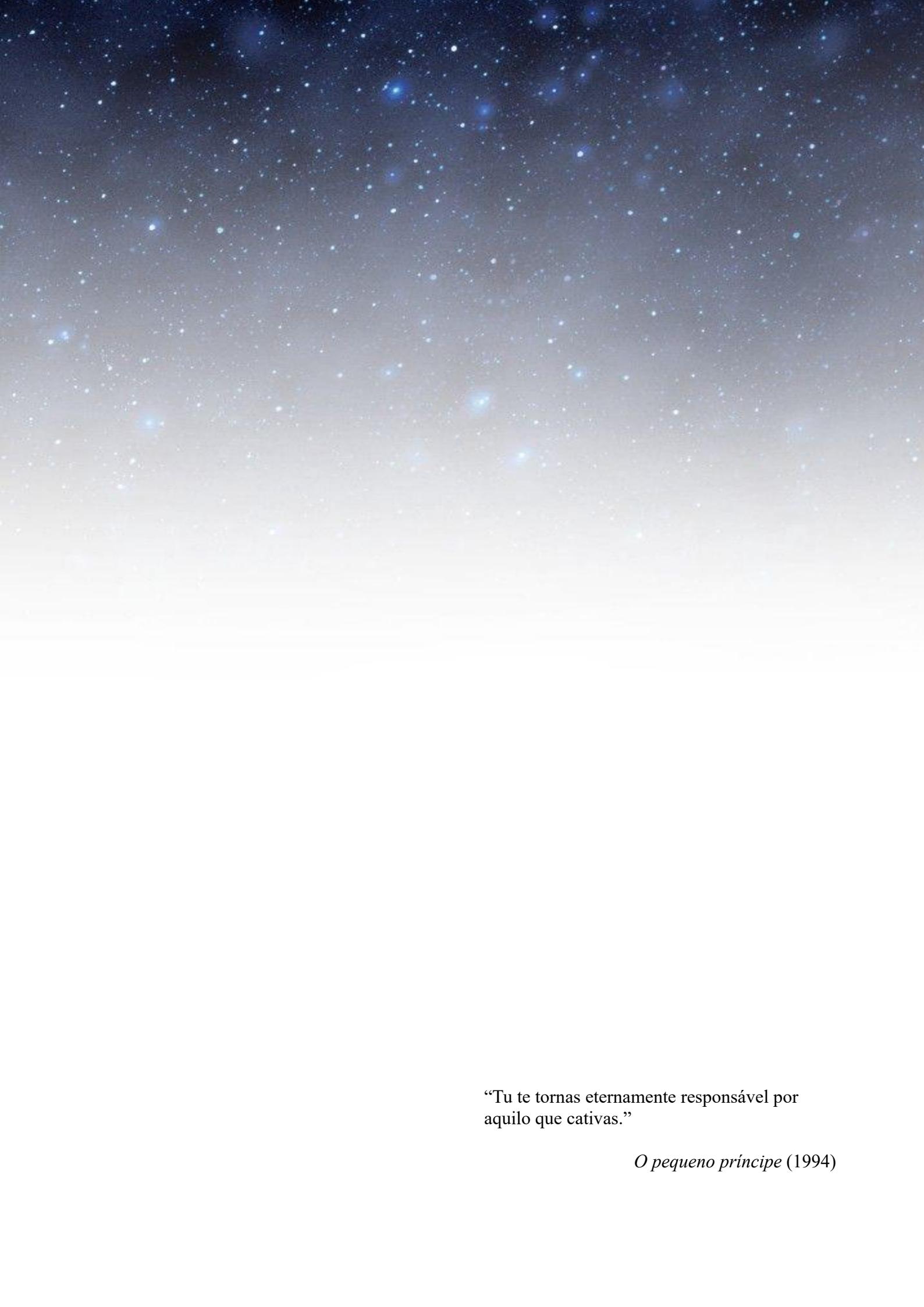
Agradeço aos meus gatinhos e doguinhas, que são as alegrias da minha vida e que, muitas vezes, fizeram-me companhia nas madrugadas enquanto estudava.

Agradeço aos meus amigos da turma 2024.2 da faculdade, que me receberam tão bem e que confiaram em mim, especialmente a minha amiga Jéssica, que está sempre me ajudando e puxando minhas orelhas quando estou desanimada ou preocupada e o Wallacy, criador do nosso grupo de 4, que depois virou grupo de 3 no Whatsapp, onde passamos a maior parte do tempo reclamando, rindo e se ajudando.

Agradeço à minha amiga Camila, que sempre me ajudou.

Agradeço aos meus professores: Renata Cristina; Ruan Nunes; Leonardo Gomes; Francimaria e outros. Que sempre estiveram nos incentivando a ser melhor todos os dias.

E, finalmente, agradeço a mim, por nunca ter desistido, por ter superado todos os desafios e ter conseguido chegar até aqui.



“Tu te tornas eternamente responsável por
aqueilo que cativas.”

O pequeno príncipe (1994)

OLIVEIRA, Joanna. V. L. “THERE ARE TWO WORLDS BETWEEN THE WALL”: o fantástico, o estranho e o maravilhoso presentes na obra cinematográfica *Stardust*: o mistério da estrela (2007). Monografia 69 p. 2023. 1 (graduação em Letras-Inglês) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, campus Parnaíba, 2024.

RESUMO

A obra cinematográfica *Stardust* (2007) conta a história de Tristan, que sai de sua vila chamada Muralha para se aventurar no mundo encantado de Stormhold à procura de uma estrela que caiu do céu. Separado por um muro, o mundo apresentado por Neil Gaiman mostra o contraste entre a realidade, o fantástico e a influência compartilhada entre ambos, mesmo sendo tão diferentes um do outro. Diante do exposto, esta pesquisa visa responder a seguinte questão norteadora: Como Tristan, o protagonista da obra cinematográfica *Stardust* (2007), vivencia o estranho e o maravilhoso no mundo fantástico e qual a sua relação com o mundo real? A fim de responder essa pergunta, foi criado o seguinte objetivo geral: investigar, à luz da Literatura Fantástica, como Tristan, o protagonista da obra cinematográfica *Stardust* (2007), vivencia o estranho e o maravilhoso no mundo fantástico e qual a sua relação com o mundo real. Para alcançar o objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: discutir os pressupostos teóricos do mundo real e da Literatura Fantástica, na perspectiva do estranho e do maravilhoso; identificar os (des)encontros entre o mundo fantástico e o mundo real durante a jornada de Tristan; compreender quais elementos possuem relação com o estranho e o maravilhoso na perspectiva de Tristan. Para alcançar tais objetivos, realizou-se uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa de cunho exploratório, fundamentada em autores como: Tzvetan Todorov (2019); H. P Lovecraft (1927, 2008); Cesarani (2006), entre outros. Os dados analisados mostram que o protagonista Tristan, durante sua jornada, vivencia o estranho ao se deparar com o sobrenatural e manifesta reações de medo ou surpresa, porém, mantém o desejo de retornar à realidade. Enquanto isso, suas experiências no fantástico e a consequente aceitação do maravilhoso fazem com que Tristan consiga rever seus conceitos, mudar suas atitudes e analisar a realidade sob uma nova perspectiva. A relação entre esses dois mundos pode ser apresentada pela conexão e desconexão, sendo um dos principais encontros a existência do próprio personagem principal, Tristan Thorn, filho de seres pertencentes ao mundo real e ao mundo fantástico. Além disso, a realidade e o fantástico encontram-se em questões sobre moralidade, noções sobre identidade e lutas por poder e beleza.

Palavras-chave: Literatura Fantástica; O fantástico; O estranho; O maravilhoso; *Stardust* (2007).

OLIVEIRA, Joanna. V. L. “THERE ARE TWO WORLDS BETWEEN THE WALL”: o fantástico, o estranho e o maravilhoso presentes na obra cinematográfica *Stardust*: o mistério da estrela (2007). Monografia 69 p. 2023. 1 (graduação em Letras-Inglês) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, campus Parnaíba, 2024.

ABSTRACT

The cinematographic work “*Stardust*” (2007) tells the story of Tristan, who leaves his village named Wall for adventure himself in the enchanted world of Stormhold, searching for a falling star. Divided into a wall, the world presented by Neil Gaiman shows us the contrast between reality, fantastic and the influences shared between both, even though they are so different from each other. Considering the above, this research intends to answer the following question: How Tristan, the protagonist of the cinematographic work *Stardust* (2007), experiences the weird and the marvelous in the fantastic world, and what is his connection with the real world? To answer this question, a general objective was formulated: To investigate how Tristan, the protagonist of the cinematographic work *Stardust* (2007), experiences the weird and the marvelous in the fantastic world, and what is his connection with the real world for the lens of fantastic literature. For discourse the general objective, the following specific objectives were established: To discuss the theoretical assumptions of the real world and the fantastic literature from the perspective of the weird and marvelous genre; To identify the (un) connection between the fantastic world and the real world during Tristan’s Journey; and to realize which elements have connection to the weird and marvelous genre from Tristan’s perspective. To reach these objectives, bibliographical research was realized with a qualitative approach and exploratory nature, based on authors such as Tzvetan Todorov (2019); H. P Lovecraft (1927, 2008); Cesaraní (2006), among others. The data analyzed show us the protagonist Tristan, during his journey, experiences the weird when he faces supernatural and manifest reactions of fear or surprise, however, he keeps desire to return to reality. While this, his experiences in the fantastic and with the consequent acceptance of marvelous make Tristan review his concepts, change his attitudes, and see the reality in a new point of view. The relation between these two worlds can be presented for connection and disconnection, being one of the main encounters the existence of the main character himself, Tristan Thorn, the son of beings belonging to the real and fantastic world. Besides that, reality and the fantastic meet each other in questions about morality, notions about identity, and fighting for power and beauty.

Keywords: Fantastic Literature; The fantastic; The weird; The marvelous; *Stardust* (2007).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Stardust.....	33
Figura 2 — As representações do mundo lógico.....	37
Figura 3 — O choque entre dois mundos e a linha tênue que faz a separação.....	39
Figure 4 — As três bruxas e a morte da estrela	42
Figura 5 — Os príncipes massacrados	45
Figura 6 — O novo rei de Stormhold.....	48
Figura 7 — O encontro com a estrela humana	50
Figura 8 — A vela da Babilônia	52
Figura 9 — O mundo lógico.....	52
Figura 10 — A pousada da bruxa	52
Figura 11 — A mudança provocada pelo maravilhoso.....	57
Figura 12 — A aceitação do maravilhoso.....	58

SUMÁRIO

DO THE STARS GAZE BACK?: OUR STORY BEGINS HERE.....	11
CAPÍTULO 1: UMA INVESTIGAÇÃO À LUZ DA LITERATURA FANTÁSTICA	20
1.1 O MUNDO REAL?.....	20
1.2 LITERATURA FANTÁSTICA.....	22
1.1.2 Gênero Fantástico.....	24
1.3 O GÊNERO ESTRANHO.....	26
1.4 O GÊNERO MARAVILHOSO.....	28
CAPÍTULO 2: THE LAND ON OTHER SIDE OF THE WALL.....	32
2.1 <i>STARDUST</i> (2007).....	32
2.1.1 Enredo.....	34
2.1.2 Personagens.....	35
2.2 ANÁLISES DA OBRA.....	36
2.2.1 O desencontro entre dois mundos.....	36
2.2.2 O encontro entre dois mundos.....	41
2.2.3 A jornada de Tristan Thorn: o estranho.....	50
2.2.4 A jornada de Tristan Thorn: o maravilhoso.....	55
NO MAN CAN LIVE FOREVER:EXCEPT HE WHO POSSESS THE HEART OF THE STAR.....	61
REFERÊNCIAS	64

DO THE STARS GAZE BACK?¹: OUR STORY BEGINS HERE²

O primeiro entendimento que tive³ sobre o sobrenatural foi quando criança, participando das atividades da igreja, ouvindo pregações e testemunhos. Mesmo que isso seja parte da minha fé — algo que acredito ser real — as histórias contadas, para muitos, podem ser simplesmente fantasias, sonhos ou até mesmo loucuras. Histórias de anjos, demônios, esperança de uma terra prometida ou até mesmo uma condenação eterna, tudo isso nos lembra um universo fantástico, talvez por isso que o limite entre ambas seja somente o quanto as pessoas acreditam ser real.

Não demorou muito para que eu passasse a ter noção do que era algo fantástico e, o surgimento de obras em minha vida com essa temática, começou a chamar mais atenção. Primeiro as animações sobre princesas, algo que sempre foi bem aceito pelas meninas entre os sete e doze anos, depois desenhos que passavam na extinta TV Globinho (2000-2015), assim como a famosa obra brasileira *Sítio do Pica Pau Amarelo* (2001-2007), que trazia muitas lendas como as do Saci, da Cuca, da Iara e muitos outros.

Não demorou muito para que eu conhecesse as famosas animações japonesas, no entanto, passaram longos anos até que eu tivesse conhecimento das diferenças entre as animações japonesas e as americanas, como eu era uma criança, todos os desenhos pareciam ter a mesma origem, só mudavam os traços e a história. Na adolescência, descobri o que de fato significava o termo “anime”, animações produzidas no Japão.

Isso começou a me fazer imaginar várias histórias, sentia muita empolgação quando encontrava pessoas com o mesmo gosto pelas obras fantásticas. Meu avô paterno, chamado Sebastião, foi uma grande figura para que eu conhecesse outros tipos de obras, saindo da fantasia infantil e percorrendo um caminho mais adulto com diversos filmes do gênero ação, comédia, suspense e fantasia como no filme *Kung-Fusão* (2004). Passei também a conhecer os famosos filmes de terror e suspense, porém esses nunca foram o meu forte, apesar de muitas vezes ser levada pela curiosidade juntamente com minha prima Nancy, o que ocasionava gritos e fugas desesperadas pela casa quando os monstros apareciam na televisão.

À medida que eu crescia e me tornava adolescente e adulta, as pessoas começaram a cobrar um novo posicionamento. Naquele momento, eu deveria me interessar por outros

¹“As estrelas olham de volta?”, “Nossa história começa aqui”, trechos encontrados respectivamente em *Stardust* (*Stardust*, 2007, 54s e 01min33s, tradução nossa).

² Este trabalho possui um projeto gráfico pelo autor.

³ Devido ser um relato pessoal, optamos por utilizar a primeira pessoa do singular.

assuntos como maquiagem, estudar, namorar e parar de assistir a essas coisas fantasiosas de criança. Bom, eu nunca liguei para isso e continuava a consumir tudo, principalmente animações japonesas, agora que eu já sabia o que eram. Comecei a perceber que muitas pessoas não conseguiam compreender naquelas histórias o tanto de aprendizagem que elas proporcionam, além de trazerem discussões importantes da vida real.

Quando entrei na faculdade de Letras-Inglês, um mundo de possibilidades abriu-se. Apesar de eu ter encontrado ao longo dos anos indivíduos que gostasse desse universo fantástico, foi na academia o momento em que encontrei muitas pessoas com os mesmos gostos e compreensão sobre as obras, apesar de escolherem correntes diferentes da fantasia para realizarem suas pesquisas. Entretanto, eu fiquei maravilhada pelo fato de que eles percebiam aquelas obras como algo além de passatempo. Com o estímulo que nos foi dado por nossos professores, começaram a ser preciosos objetos de pesquisa: filmes, séries, animações e livros.

Foi nesse momento que comecei a olhar de diferentes ângulos, saindo um pouco da imaginação que aquelas histórias proporcionavam, por exemplo, as crenças, presentes em todas as culturas. A fé dessas pessoas vai além daquilo que qualquer ser humano diga que é natural, porém, nós a nomeamos de religiões. Mitologias são tratadas como algo irreal, fantasias de povos passados, o que esquecemos muitas vezes é que essas mitologias faziam parte de uma crença, sendo adoradas e tidas pelas pessoas como algo real. As lendas como Saci Pererê, Curupira e a própria Cuca são tidas como reais para muitas pessoas, até a existência da figura do Lobisomem, que a maioria das pessoas concordam que seja somente um personagem de contos fantásticos, tem se mostrado uma criatura real digna de reportagens e histórias de internautas na internet⁴.

Essa separação de fantasia e realidade tem se tornado cada vez mais complicada de se explicar, o que é real ou o que é imaginação? Por exemplo, em uma certa conversa, mencionei que era uma deusa, claro que de forma figurativa e em um momento de descontração, a pessoa me respondeu da seguinte forma: “Uma mulher de vinte e seis anos falando de deusa, você já está grandinha para falar essas coisas”. Refletindo sobre aquilo, lembrei-me de todas as culturas que acreditavam na existência de deuses e deusas, isso não seria algo fantasioso se fosse a fé de alguém em jogo, mas acabamos por transformar isso em algo banal.

Por isso que enquanto assistia minhas obras dos gêneros de Fantasia, Romance e Época, observando todas as questões políticas e pessoais que existiam na história daquele

⁴Exemplo de reportagem sobre atividades sobrenaturais, disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/webstories/flipar/2024/11/6996147-fenomenos-sobrenaturais-assustam-e-trigam-em-fazendas-do-interior-de-sp.html>.

mundo fantástico, minha mãe costumava me falar a seguinte frase: “Sai dessas fantasias e vai viver a realidade”. Aquela frase sendo falada repetidas vezes fez vir à minha mente a seguinte pergunta: O fato de eu gostar do fantástico me faz perder a noção daquilo que é real? Será que poderia dizer que a literatura fantástica somente se resumiria a um escapismo do mundo real que, no final do dia, faria vivermos somente “sonhando”? Foi nesse momento que surgiu meu interesse por essa investigação.

No que diz respeito à escolha do meu objeto de pesquisa, tenho que admitir que foi por um acaso do destino ou talvez uma lembrança inconsciente. Durante minhas aulas com a professora Renata e de seu incentivo para escolhermos o que gostamos para a construção do nosso pré-projeto, fiquei pensando, após ter decidido pesquisar sobre literatura fantástica, o que eu poderia fazer para apresentar a maravilha das construções dos mundos fantásticos, mas veja bem, eu estava bem perdida sobre o que eu gostaria de pesquisar, não tinha parado para analisar o que eu gostaria de perguntar, por isso não fui capaz de lembrar sobre as situações que passava em casa e sobre as frases que ouvia.

Entretanto, em uma bela noite, nossa querida professora perguntou sobre o nosso objeto de pesquisa e, naquele instante, veio um nome na minha mente, Stardust! Eu falei para ela e, como obtive uma reação positiva, fiquei feliz. Porém, como eu disse anteriormente, eu não tinha parado para pensar, o que eu imaginava era algo muito amplo que, refletindo melhor, nem teria como descrever, afinal são tantos mundos e narrativas.

Na minha teimosia, lembro-me de perguntar a ela se aquela obra que eu tinha mencionado abrangeia toda a construção que o mundo fantástico proporciona. Com uma resposta positiva em relação à obra e para me ajudar a pensar sobre a literatura fantástica, ela me emprestou dois livros do Todorov. Logo, depois de ler e conhecer melhor sobre como o fantástico, o estranho e o maravilhoso funcionam, lembrei-me das situações com a minha mãe e as frases que ouvia por consumir obras fantásticas, concluindo que eu já tinha um relacionamento com o universo fantástico.

Tive a confirmação que estava no caminho certo quando, em uma aula, a professora falou que devia existir algo que gostaríamos de perguntar. Então, era isso, já tinha minha pergunta, que foi mencionada acima e que já expliquei como cheguei a ela. Depois, com minha pergunta definida, foi mais fácil pensar em como trabalhar. Assim, eu tive um insight. Enquanto estava arrumando a casa, descobri que aquela obra era realmente perfeita para chegar aonde eu

queria. Logo, no dia da nossa primeira conversa sobre o projeto, eu bati o martelo sobre minha escolha, seria o filme *Stardust: o mistério da estrela*⁵(2007).

A concepção daquilo que é fantástico é criado a partir do que conhecemos como real, podemos citar que certa semelhança acontece com o conceito de frio e quente, pois é de conhecimento de todos que o frio é, na verdade, a ausência de calor, ou poderíamos dizer que somente sabemos o que é tristeza porque conhecemos a alegria. Basicamente, só podemos dizer que conhecemos aquilo que é sobrenatural porque conhecemos os limites ou as regras de nosso próprio mundo.

The question about Fantasy and reality is a complex one – again, it really depends on how the initial concepts are defined. Of course, Fantasy is made up of reality – some Fantasy actually begins in the primary world (the real world as we perceive it) and magical or supernatural forces intrude and change things (Fimi, 2021, p 341)⁶.

A fantasia, ou melhor, o fantástico faz parte das nossas vidas desde muitos séculos, seja elas no formato literário, cinematográfico ou mesmo nas nossas crenças. Entretanto, muitas vezes não nos damos conta disso, na verdade, o ser humano, como ser comunicativo e social, sempre buscou formas de se expressar. Como mencionado por Amaral (2022), os contos e as narrativas nasceram dessa necessidade de transmissão de conhecimento para que se pudessem manter vivas as tradições daquele determinado povo.

Segundo Silva (2020), o homem passava a utilizar sua linguagem para nomear entidades divinas e essa atividade espiritual contribui para a edificação do seu mundo social, assim como construir seus próprios pensamentos. Dos diversos povos espalhados pelo mundo, surgiram formas de explicar o incompreensível, usando de elementos como o surgimento de deuses e deusas, fadas, duendes e muitos outros. Até mesmo o próprio nascimento do planeta e o surgimento da humanidade passavam a ter suas versões cheias do sobrenatural.

Como observado, suas crenças nada mais eram que tentativas de explicar algo que acontecia com aqueles povos durante aquele período, nada mais que histórias cheias de invenções e exageros maravilhosos. Entretanto, se procurarmos observar como eles viam, conseguimos entender que aquelas histórias eram sua religião, formadora do pensamento de uma comunidade. Para Silva (2020), as atividades e formações linguísticas do homem estão

⁵ O título da monografia leva o nome da versão brasileira “*Stardust: o mistério da estrela*”.

⁶ “A questão sobre Fantasia e realidade é complexa – mais uma vez, depende realmente de como os conceitos iniciais são definidos. Claro, a Fantasia é feita de realidade – algumas Fantasias realmente começam no mundo primário (o mundo real como o percebemos) e forças mágicas ou sobrenaturais se intrometem e mudam as coisas” (Fimi, 2021, pág. 341, tradução nossa).

interligadas ao mito e à religião, por essa perspectiva, começamos a notar a pequena linha de separação daquilo que cremos como real e fantástico.

Segundo Amaral (2022), dos mitos nasceram os contos de fadas e contos maravilhosos, sendo respectivamente representados por intervenção de seres fantásticos como as fadas ou objetos capazes de ganhar vida dentro da narrativa. Um dos exemplos mais famosos são os contos de fadas, clássicos que ganharam o coração de pessoas de todas as idades por todo o mundo.

Na revista *Le Monde Diplomatique Brasil* (2024), encontramos uma pesquisa feita pelas escritoras Laís Napoli e Marina Rezende. Segundo esse estudo, que traz especificamente dados dos leitores brasileiros, 80% dos fãs do gênero fantástico são leitores assíduos há mais de cinco anos, 46,47% dizem ter lido pelos menos onze livros de fantasia no último ano e 28,91% consumiram entre cinco e dez livros, assim como o crescimento das obras nacionais desse gênero com 77,90% de pessoas afirmando que leram pelo menos um.

Vilto Reis (2024), o escritor do artigo publicado nessa revista, afirma que esses dados mostram um público jovem, leitor e leal, entretanto, ainda se tem a ideia de que jovens não leem e que isso, segundo ele, é atribuir à Literatura Fantástica um status de inferioridade. Infelizmente, apesar de seu crescimento e de seu valor na construção do pensamento das pessoas, ainda existe uma certa relutância em relação ao seu conteúdo e isso é justificado pelo seu fator “escapista” que muitos acreditam ser uma completa fuga da realidade.

Todavia, como vimos anteriormente, essas narrativas possuem sua ligação com o real e vice-versa, por isso que Maurey (2019) comenta sobre o “paradoxo do escapismo”. Para ela, o que prevalece é a nossa identificação de forma inconsciente com essas obras “a gente não esquece, nem “distrai” a cabeça. Pelo contrário, a gente imerge e penetra ainda mais no que é nosso e em quem somos” (Maurey, 2019)⁷.

Com isso em mente, podemos então afirmar que sua importância para o indivíduo é bem mais profunda, sendo capaz de revelar sentimentos e pensamentos que se ocultam no cotidiano. Da Silva (2021) menciona que sua curiosidade pela Literatura Fantástica começou quando percebeu a profundidade da construção do universo de J. R. R Tolkien, ele coloca o universo fantástico quase como uma realidade paralela, no sentido de acreditar que determinadas realidades possam ser realmente verossímeis.

Talvez seja por isso que possamos perceber a presença dessas narrativas fantásticas se tornando cada vez mais “reais” no nosso cotidiano. Afinal, quem já não ouviu sobre as diversas

⁷ Disponível em: <https://cheirodelivro.com/o-paradoxo-do-escapismo/>.

aparições de lobisomens em bairros, bruxas ou até mesmo a existência de sereias. Na verdade, quanto mais tentamos nos distanciar dessa realidade imaginativa, mais nos vemos dentro dela e a percepção delas passam despercebidas por muitas pessoas, afinal, narrativas folclóricas, ao mesmo tempo tidas como algo irreal, são trazidas à realidade até pelas pessoas que as criticam.

Dessa incerteza entre o real e o sobrenatural é que se encontra a Literatura Fantástica. Os seus primeiros passos ocorreram entre os séculos XVIII e XIX. Esses períodos, segundo Amaral (2022), eram marcados por narrativas místicas e religiosas, cuja presença era como adubo para o universo fantástico crescer. Durante esse período, o mundo passava por grandes mudanças na qual os estudos científicos tomavam o lugar de esclarecedor dos fenômenos vividos pelas pessoas.

Entretanto, essas narrativas maravilhosas, que pertenciam às religiões como forma de explicar o mundo, segundo Roas (2014), deslocaram-se para a ficção, agora no sentido de mostrar uma nova perspectiva da realidade. Logo, podemos perceber que a Literatura Fantástica está mais próxima do real do que pensávamos. Com isso em mente, resolvemos estudá-la por meio da obra cinematográfica *Stardust* (2007)⁸ do diretor Matthew Vaughn, criada pelo autor Neil Gaiman.

Vale ressaltar que, embora se use o termo “literatura Fantástica” e nos baseamos em trabalhos voltados à literatura, abordamos esse estudo fazendo relação com a construção do fantástico em uma obra cinematográfica, tendo em vista que, várias produções, como é o caso da obra mencionada, são uma reinvenção de Literaturas Fantásticas ou até mesmo possuem histórias originais dentro da narrativa fantástica, o que, nesse contexto, não a desqualifica como objeto de pesquisa quando olhamos pelas lentes da teoria fantástica. Tendo em vista que a obra cinematográfica pertence ao universo fantástico e traz alusão ao choque entre realidade e fantasia, nossa pesquisa foi realizada observando todos os aspectos existentes na obra à luz da Literatura Fantástica.

Dito isto, podemos acrescentar três ideias: em primeiro lugar, que, virtualmente, a partilha de uma dada característica implica a pertença de um filme a um género; em segundo, que toda a obra pode, em princípio, ser integrada num determinado género; e, em terceiro, que uma obra pode exibir sinais ou elementos de diversos géneros. Semelhança ou afinidade tornam-se, portanto, os princípios de reconhecimento e distribuição genérica dos filmes (Nogueira, 2010, p. 3).

Diante do exposto, esta pesquisa buscou responder a seguinte pergunta: como Tristan, o protagonista da obra cinematográfica *Stardust* (2007), vivencia o estranho e o maravilhoso no

⁸ Mesmo a obra sendo de 2007, resolvemos analisá-la por trazer questões atuais que serão apresentadas por meio da análise.

mundo fantástico e qual a sua relação com o mundo real? A fim de responder essa pergunta, foi definido o seguinte objetivo geral: investigar, à luz da Literatura Fantástica, como Tristan, o protagonista da obra cinematográfica *Stardust* (2007), vivencia o estranho e o maravilhoso no mundo fantástico e qual a sua relação com o mundo real. Para alcançar esse objetivo, foram formulados os seguintes objetivos específicos: discutir os pressupostos teóricos do mundo real e da Literatura Fantástica, na perspectiva do estranho e do maravilhoso; identificar os (des)encontros entre o mundo fantástico e o mundo real durante a jornada de Tristan; compreender quais elementos possuem relação com o estranho e o maravilhoso na perspectiva de Tristan.

Com o propósito de alcançarmos os objetivos, realizamos uma pesquisa científica com relação às escolhas metodológicas apresentadas por Oliveira (2011), quanto à escolha do objeto, natureza e o cunho da pesquisa. Após a escolha do nosso objeto, realizamos uma pesquisa exploratória que, segundo Gil (1999), tem como objetivo principal desenvolver, esclarecer e modificar ideias. Devido à pesquisa estar relacionada com a Literatura Fantástica, optamos pelo tipo bibliográfico que, para Durão (2020), são conjuntos de escritos que funcionam como obras de referência. Tendo em vista características mais abstratas, este trabalho é de abordagem qualitativa, cuja percepção é baseada nas perspectivas dos participantes (Oliveira, 2020).

Em relação aos procedimentos metodológicos, foram realizadas pesquisas acerca do mundo real, fantástico modo e gênero, gênero maravilhoso e gênero estranho. Em seguida, realizamos as análises do filme *Stardust* (2007), observando a construção dos personagens, narrativas e simbolismos. Levando em consideração os critérios de inclusão e exclusão, foram utilizados artigos, monografias, sites e vídeos com embasamento científico. Além disso, optamos por priorizar obras que estão dentro dos últimos cinco anos, podendo haver exceções devido a observações importantes e atuais encontradas.

No que diz respeito às análises do objeto, tendo em vista os objetivos, gerais e específicos, serão descartadas cenas em que o personagem Tristan Thorn não está presente, com exceção das cenas em que mostramos o mundo real que foram representadas pelo cientista e por Dustan Thorn. Além disso, foram descartados outros gêneros da Literatura Fantástica como Ficção Científica, Terror, entre outros, que fogem da perspectiva proposta.

Portanto, tratando-se de uma adaptação cinematográfica, nós optamos por analisar o *corpus* por uma perspectiva interpretativa, pois fazer uma análise filmica, segundo Pires e Nogueira (2012): oferece ao analista a vantagem de reformular características e aplica de maneira única novos procedimentos, portanto, o analista deve fazer referência ao seu próprio olhar, considerando os critérios propostos na pesquisa.

Dito isso, em âmbito social, esperamos que esta pesquisa colabore para a mudança de percepção que as pessoas possuem em relação ao fantástico. Procuramos mostrar que essas obras possuem sua ligação com a realidade, podendo contribuir na percepção de nosso mundo e de nós mesmos que, muitas vezes, passam despercebidas. Destacando ainda que fazemos parte dessas construções fantásticas mais do que imaginamos, pois estão presentes no nosso cotidiano e nas nossas crenças.

O fato é que buscamos trazer, com este trabalho, essa visão sobre o fantástico e a incrível capacidade humana de imaginar e de criar realidades opostas e que, ao mesmo tempo, conversam entre si. Além disso, buscamos mostrar que esse tipo de narrativa não se limita ao público infantil ou jovem, mas para todos aqueles que buscam experimentar essas reações fantásticas.

Em respeito ao âmbito acadêmico, esta pesquisa busca promover a valorização das narrativas fantásticas como algo além do escapismo no sentido de “fuga”. Como pesquisadores, acreditamos que a criatividade e a imaginação são ferramentas essenciais para a mudança que queremos provocar. Visitando o acervo do curso de Letras-Inglês da UESPI⁹, campus Parnaíba, observamos outras produções de Literatura Fantástica, embora elas se enquadrem em outras vertentes do fantástico como o “Gótico” do acadêmico Allan David Lopes da Silva (2023) e Juliano Lima da Silva (2017), conto de fadas da acadêmica Antônia Fabiana do Nascimento Ramos (2017), entre outros. Com isso, esperamos contribuir com novas experiências para o mundo acadêmico.

No âmbito pessoal, utilizando a primeira pessoa do singular por se tratar de uma experiência própria, busco absorver e promover conhecimento nessa área fantástica. Como iniciante e autora deste projeto, movida pela paixão pelo fantástico, busco alcançar os objetivos propostos, na intenção de desmistificar que seu conteúdo seja restrito ao público infantojuvenil, na intenção de mostrar a beleza na construção desse mundo maravilhoso e encantado, além de exaltar a imaginação e criatividade de seus criadores. Portanto, devido a essas motivações, pretendo me aprofundar cada vez mais nas teorias fantásticas, abrindo mais o leque de possibilidades para o futuro.

Com relação a organização desta monografia, ela está dividida em dois capítulos, além da introdução e considerações finais. O capítulo um é dedicada a revisão de literatura que aborda conceitos do mundo real, da Literatura Fantástica e os dos gêneros Estranho e Maravilhoso, em que encontraremos os seguintes autores que fundamentam a nossa pesquisa;

⁹ Disponível em: https://drive.google.com/drive/u/1/folders/1e38lfcc_mAAIMKrVTMmHLOZZVfBmfee.

Tzvetan Todorov (2019); Lovecraft (2008;1990); Reis (2019); Passos (2020); Menna (2017) e Ramos (2021), entre outros.

O segundo capítulo foi dedicado às análises do nosso objeto de pesquisa, a obra cinematográfica *Stardust* (2007). Esse capítulo foi dividido em duas seções, a primeira, com três subseções dedicadas à apresentação da obra, enredo e personagens e, na segunda, com quatro subseções, que foram dedicadas às análises de acordo com os objetivos específicos.

Com isso, entraremos nesse mundo extraordinário do fantástico.

CAPÍTULO 1: UMA INVESTIGAÇÃO À LUZ DA LITERATURA FANTÁSTICA

Neste capítulo, abordaremos a revisão de literatura que embasa nossa pesquisa. Ele está dividido em 4 seções e uma subseção: O mundo real; Literatura Fantástica, Gênero Fantástico, Estranho e Maravilhoso. Aqui, estão presentes teóricos da Literatura Fantástica como: David Roas (2014); Tzvetan Todorov (2018); Cortázar (2006), entre outros. Além de pesquisadores da mesma linha de pesquisa como: Marinho (2023); Silva (2022); Gorog (2019) e outros.

1.1. O MUNDO REAL?

Conforme o *dictionary.com* (2023), a palavra “real” possui os seguintes conceitos: aquilo que é verdadeiro, ou seja, não é imaginário ou ficcional, oposto ao inexistente, genuíno, a realidade¹⁰. Com isso em mente, definir o que de fato é o mundo real, torna-se uma tarefa desafiadora, pois o ser humano possui, em sua própria individualidade, formas de ver o mundo que, de certa forma, mudam constantemente o sentido do real.

Segundo Lage Primo (2009), o mundo atual, no sentido aristotélico, é aquele que está em ato, ou seja, é o mundo em que vivemos e “Não devemos confundir mundo atual com mundo real, pois existe a hipótese de que os demais mundos são tão reais quanto o atual” (Lage, 2009, p. 63). Para ele, os acontecimentos do mundo atual não se esgotam nessa realidade conhecida, ou seja, tudo que for logicamente possível é tão real quanto o nosso mundo atual.

De acordo com Silva (2022, On-line)¹¹, falar sobre mundos possíveis é conversar sobre as ficções ou as possíveis reconstruções do nosso mundo atual. Segundo ela, os mundos possíveis não interagem com o nosso mundo atual, eles são as possibilidades de como o nosso mundo poderia ter sido, portanto, não existe nada externo que afete a linha em que estamos e, caso existisse, ela faria parte do mundo atual como uma extensão da nossa realidade.

A realidade depende de cada indivíduo e de sua percepção individual e coletiva. De acordo com Gorog (2019), Lacan acredita que a realidade é a imagem que precisamos lidar, portanto, é aquilo que vemos e imaginamos, sendo, o real, aquilo que pode ser visto, deduzido e demonstrado como verdadeiro. Sendo assim, David Roas (2014) vai dizer que vivemos em um universo incerto onde “não há verdades gerais, pontos fixos a partir da qual enfrentar o real”

¹⁰Disponível em: <https://www.dictionary.com/browse/real> .

¹¹Disponível em:<<https://www.revistaminerva.pt/introducao-a-modalidade-e-aos-mundos-possiveis-mariana-patricia-henriques-franco-teixeira-da-silva/>> .

(Roas, 2014, p. 50). Desse modo, conseguimos perceber que a percepção da realidade é mutável, portanto, o que hoje pode ser visto como absurdo, amanhã pode ser completamente real.

Em síntese, “embora seja verdade que a filosofia moderna justifica perfeitamente essa ideia, nossa experiência da realidade continua nos dizendo que os seres humanos não se transformam em insetos e nem vomitam coelhos” (Roas, 2014, p. 51). Com isso, toda a nossa percepção de realidade no presente depende das nossas experiências e, sendo elas compartilhadas dentro de uma comunidade, conseguimos, como indivíduos sociais, ter noções do que é possível e impossível.

Com a ascensão da ciência, a busca por explicações lógicas se tornou o principal palco para explicar a realidade, muito embora, assim como o sentido de “real”, ela também seja mutável. “A ciência é mutável, dinâmica e tem como objetivo buscar explicar os fenômenos naturais” (Moura, 2014, p. 34). Devido a essa busca por explicações lógicas, os seres humanos agora possuem outra noção de realidade, além de suas experiências cotidianas, portanto, considera-se real tudo aquilo que a ciência pode explicar, por isso que narrativas com teor sobrenatural perderam espaço para se explicar a realidade.

[...] atenta-nos, entretanto, Bachelard para o fato de que “o simples não existe: só há o simplificado”. A ciência constrói o objeto extraído do seu meio complexo para o colocar em situações experimentais tão complexas. A ciência não é o estudo do universo simples, é uma simplificação heurística necessária para libertar certas propriedades e mesmo certas leis (Navas, 2020, p. 37).

Não obstante, a ciência, que procura explicar os fenômenos do mundo natural, também é responsável por inovações antes impossíveis de serem consideradas por qualquer indivíduo. “(...) Por ser conhecimento em contínua mudança, ela está sempre se reformulando internamente, revendo seus modelos e bases, o que implica que nossa própria percepção dela também mude com o tempo” (Moura, 2014, p. 34). Dessa forma, poderíamos dizer que ela também busca transformar o impossível em realidade e que, devido a essa instabilidade de se observar esses fenômenos reais, faz com que nossa percepção sobre eles mude constantemente e, consequentemente, transforme o real no futuro¹².

Diante do exposto, observamos a variedade e complexidade de se enxergar a realidade do mundo atual, enquanto simultaneamente outras realidades são criadas por meio da arte. Logo, “Se a ficção cria mundos possíveis ou se os mundos ficcionais podem ser interpretados

¹² O termo “futuro” foi utilizado levando em conta o processo que se leva para criar uma inovação científica, logo que, a nossa noção de realidade no presente só será afetada no futuro.

como mundos possíveis, a literatura não estaria confinada a imitar um mundo, já que o possível é mais amplo e extenso que o real” (Carvalho, 2012, p. 128). Com isso em mente, adentraremos ao oposto do que consideramos lógico, um mundo criado a partir do impossível, com suas conexões e desconexões com a nossa realidade.

1.2. LITERATURA FANTÁSTICA

O Fantástico é a manifestação do surreal, daquilo que é impossível, o sobrenatural. Sua existência no mundo vem desde antes da civilização se estabelecer. Segundo Ceserani (2006), o fantástico surge não como um “gênero”, mas como um “modo”. O fantástico modo representa uma infinidade de gêneros e é lido no sentido amplo da palavra, por exemplo, nele se enquadra o mito, o conto de fadas, o horror, o maravilhoso e muitos outros.

Por conseguinte, a Literatura Fantástica ou modo fantástico para Bessière, de acordo com Gama-Khalil (2013), constitui-se de formas e temáticas com o objetivo de incitar a incerteza, cuja autora chama de “adivinha”, pois essa incerteza vem da dificuldade de se decifrar o sobrenatural pela nossa perspectiva de “real”. Portanto, falar dela no seu sentido mais amplo permite que “a diversidade de obras construídas a partir de variadas formas de trabalho que surpreendem ou contrariam o leitor” (Gama-Khalil, 2013, p. 25) sejam observadas pela mesma lente, além de que sua narrativa possibilita a invenção, contradição e revelações de paradoxos.

Sendo assim, como vimos anteriormente, a presença do Fantástico era observada na vida cotidiana das pessoas em que as crenças eram manifestadas ao passar das eras. Carmo (2015) menciona que H. P Lovecraft considerava que o Fantástico sempre esteve ligado à Literatura, tendo sua origem contada nas histórias dos povos primitivos que, com o passar do tempo, transformaram-se em crônicas e escritos sagrados com o surgimento da escrita.

O fantástico possui a capacidade de transportar os indivíduos para uma nova realidade. Sendo assim, temos mundos construídos com novas leis e regras ou a intrusão de elementos insólitos na realidade, levando-nos a ver sociedades inteiras por outra perspectiva. Bould e Vint (2012) argumentam, baseados nas palavras de José Monleón’s: “One of the basic mechanisms of the fantastic is to question the premises of the natural” (Bould; Vint, 2012, p. 103)¹³. A surpresa e a hesitação com algo desconhecido ao nosso cotidiano é o que representa melhor as sensações que o fantástico busca trazer para as pessoas nas mais diversas formas de arte como livros, teatro ou cinema.

¹³ “Um dos mecanismos básicos do fantástico é questionar as premissas do natural” (Bould; Vint, 2012, p. 103, tradução nossa).

Consequentemente, como afirma Camarani (2014), as primeiras criações literárias buscavam, por meio das sensações que eram despertadas nos espectadores, descrever e representar o mundo material. Com isso, a narrativa fantástica para Cortázar, de acordo com Leal e Oliveira (2023), é a que o fantástico surge no cotidiano como um fenômeno único e particular “dessa maneira, o efeito se produz através do incomum no real” (Leal; Oliveira, 2023, p. 66). Com isso, mesmo que a situação se repita várias vezes, o fantástico se manifesta uma única vez e de forma excepcional.

Não obstante sua existência esteja presente na vida do ser humano desde o início dos tempos e conheçamos a sua ligação com o real que, de fato, proporciona-nos novas formas de se observar a realidade, a sua estrutura ligada ao sobrenatural faz com que muitos o reduzam a simples fugas da realidade, criando um grande abismo sobre aquilo que poderíamos acrescentar nas nossas próprias observações como indivíduos que pensam, criam e que sonham. O termo utilizado para caracterizar esse aspecto da narrativa fantástica é: escapismo. De fato, como foi mencionado, o Fantástico permite que sua audiência viva em outras realidades, com lugares surreais, magias e aventuras. Entretanto, essa fuga que nos é permitida, ainda consegue nos atrair para questões reais sobre a sociedade e sobre nós mesmos.

Tendo isso em vista, Araújo (2023) argumenta sobre o “escape” pela visão de Tolkien. Ela explica que as narrativas de fantasia eram vistas como uma forma de evitar a realidade, porém, para Tolkien, a fuga apresentada pelas narrativas evidenciava um desejo de mudança. Por isso, ele elenca o escapismo de duas formas: a fuga do prisioneiro, que deseja a mudança e a fuga do desertor, aquele que nega a realidade e tenta realmente fugir dela. Portanto, com essas características, o autor acreditava que esses anseios por mudança não tornavam o mundo menos real.

Por isso que “By showing us things a different way, the other world sheds light upon our world and held us return to it with renewed vision” (Sammons, 2010, p. 166)¹⁴. O que nos faz ser atraídos por essas narrativas é o fascínio pelo diferente, mas, ao mesmo tempo, a identificação inconsciente que temos por um personagem ou por uma história. Na verdade, essa forma descontraída e maravilhosa de enxergar o mundo de outra forma faz com que vejamos a nossa realidade com muito mais atenção e isso se deve ao fato de que o real está ligado ao irreal e que essa conexão permite com que sejamos capazes de reconhecer a ordem e a desordem das coisas.

¹⁴ “Ao nos mostrar as coisas de uma maneira diferente, o outro mundo lança luz sobre o nosso mundo e nos faz retornar a ele com uma visão renovada” (Sammons, 2010, p. 166, tradução nossa).

Sustentado por Fimi (2023), o sobrenatural, o divino, o pagão, as figuras históricas e os heróis continuam tendo sua herança mantida, pois essas histórias continuam sendo contadas. Devido às produções cinematográficas e literárias, culturas de povos como, por exemplo, os nórdicos e os celtas, tiveram suas crenças e vidas registradas em obras fantásticas e elas permitiram a sobrevivência de seus pensamentos e de suas histórias reais. Com isso, gostaríamos de perceber o universo fantástico não apenas como um escape que nos tira do nosso mundo e nos permite viver novas realidades, mas também como instrumento de sobrevivência do pensamento humano e de sua sociedade.

1.1.2. Gênero Fantástico

Seguindo com nossa discussão, o Fantástico também pode ser observado como um gênero, dessa forma, ele se restringe. Sobre gênero, Chander (1977, p. 01): “The term is widely used in rhetoric, literary theory, media theory, and more recently linguistics, to refer to a distinctive type of ‘text’*¹⁵”. Portanto, o fantástico sai de seu campo amplo e se torna uma forma narrativa, contudo, o Fantástico gênero também se encontra inserido no fantástico modo, pois são dois conceitos distintos.

O gênero Fantástico teve seu auge no século XIX e XX. Durante esse período o mundo era marcado por inovações científicas, logo, as narrativas fantásticas foram transferidas para a Literatura e encontraram na ficção a forma de se manter vivo o sobrenatural. Segundo Cavalheiro (2017), David Roas acredita que os escritores não rejeitaram as conquistas da ciência, porém entenderam que essa não era a única forma de se captar a realidade, logo, a imaginação era outra forma de se fazê-lo.

Com isso, o gênero Fantástico surge, segundo Todorov (2019), como uma ambiguidade nesse universo, em que nos colocamos a pensar se o que vemos é real ou irreal. Dessa forma, os personagens caminharão ao longo de sua jornada procurando explicações para aquilo que eles estão vivendo. A incerteza, a dúvida sobre a realidade e o sobrenatural são o que definem o gênero fantástico para Todorov (2019).

O modo como este ser apareceu indica claramente que se trata de um representante de outro mundo; mas seu comportamento especificamente humano (e mais ainda, feminino), os ferimentos reais que recebe parece, ao contrário, provar que se trata simplesmente de uma mulher, e de uma mulher que ama (Todorov 2019, p. 29).

¹⁵ “O termo é amplamente utilizado na retórica, na teoria literária, na teoria da mídia e, mais recentemente, na linguística, para se referir a um tipo distinto de ‘texto’**” (tradução nossa).

Esse trecho se passa no livro *Le Diable amoureux* de Cazotte e é um dos muitos exemplos do que é o gênero Fantástico na Literatura. Conhecendo as leis naturais do nosso próprio mundo, em que existem coincidências, brincadeiras boas ou mal-intencionadas, levando tudo isso em conta, o inesperado surgimento de um fenômeno sobrenatural faz com que criemos associações para explicar o inexplicável, pelo menos por enquanto. Logo, o personagem terá que trilhar dois caminhos: verdade ou ilusão?

Sendo assim, esse tipo de narrativa só dura enquanto existir a hesitação e a dúvida, depois que o personagem ou espectador escolhe no que acreditar, entramos em dois gêneros que, segundo Todorov (2019), faz fronteira com o gênero Fantástico, o estranho e o maravilhoso. Conforme o pesquisador, o gênero Estranho será definido como a conclusão da narrativa que termina com uma explicação lógica e o Maravilhoso será a aceitação dos eventos sobrenaturais na realidade do personagem.

Essa definição de Todorov é conhecida como fantástico tradicional, entretanto, novas formas de se olhar o gênero fantástico surgiram e buscaram preencher lacunas que existem sobre o conceito de Todorov. Para Riera (2023), David Roas e Felipe Furtado discordam da sensação de ambiguidade como a única forma de se construir o gênero fantástico, além do mais, ela menciona que essa nova forma de se olhar o fantástico contraria a concepção de Todorov, cuja presença do sobrenatural não é fundamental para se nomear o fantástico, ao invés disso, uma falsificação da realidade, por meios de mecanismos na narrativa, já seriam o suficiente.

Portanto, “Segundo Todorov, apenas a vacilação nos permite definir o fantástico” (Roas, 2014, p. 33). Entretanto, para Roas (2014), colocar o gênero fantástico entre dois gêneros, o estranho e o maravilhoso, faz com que ele se limite a um simples suspiro entre fronteiras. o fantástico é definido por seu conflito entre a realidade e o impossível e não somente por um sentimento de incerteza e hesitação, logo, o aparecimento de fenômenos inexplicáveis já garantem a permanência do gênero fantástico na narrativa.

Diferentemente de um texto realista, quando nos deparamos com uma narrativa fantástica essa exigência de verossimilhança é dupla, uma vez que devemos aceitar – acreditar em – algo que o próprio narrador reconhece, ou estabelece, como impossível. E isso se traduz em uma evidente vontade realista dos narradores fantásticos, que tentam fixar o narrador na realidade empírica de um modo mais explícito que os realistas. O fantástico, portanto, está inscrito permanentemente na realidade, a um só tempo se apresentando como um atentado contra essa mesma realidade que o circunscreve. A verossimilhança não é um simples acessório estilístico, e sim algo que o próprio gênero exige, uma necessidade construtiva necessária para o desenvolvimento satisfatório da narrativa (Roas, 2014, p. 41).

Os textos do gênero fantástico passaram por mudanças no século XX, com isso, surge o neofantástico proposto por Jaime Alazraki, sendo uma atualização do gênero fantástico tradicional. Alvarez (2012) menciona que o neofantástico se coloca como um avanço nos estudos propostos sobre o gênero, segundo ele, o neofantástico se diferencia do tradicional de três formas: visão, intenção e modus operandi.

A visão, segundo Alvares (2012), vê o real como uma máscara que tem como objetivo esconder uma segunda realidade. Essa segunda realidade apresentada pelo autor, vai fazer com que a erupção dos fatos insólitos seja absorvida, sendo impossível isolar o insólito da narrativa, sendo assim, ele vai espelhar uma realidade cotidiana, em relação à intenção, ele afirma que, no neofantástico de Alazraki, não se busca gerar medo, mas inquietação ou perplexidade no encontro com o insólito. Por último, modus operandi que, como afirma Alvares (2012), faz o insólito se tornar aceitável com o passar da narrativa.

Segundo Alazraki (2001), as metáforas possuem um papel importante na narrativa, buscando expressar vislumbres e entrevisões que nos escapam ou resistem a uma linguagem que foi construída pela nossa razão, indo em uma direção oposta aos aspectos científicos e lógicos. Dessa forma, o neofantástico enfatiza duas realidades sobrepostas uma à outra, em que o real será responsável por ocultar essa nova realidade, ou seja, as metáforas na narrativa trazem à tona essa realidade oculta. Podemos, portanto, concluir que os três conceitos apesar de se diferenciarem em alguns aspectos, têm em suas narrativas a presença do insólito e seu choque com o real que produzirá reações fantásticas em seus personagens e espectadores.

1.3. O GÊNERO ESTRANHO

O conceito para se definir a weird fiction¹⁶, a ficção estranha começa pelo seu próprio nome, logo que podemos pensá-lo como algo insólito, bizarro e estranho. De acordo com Reis Filho (2019), a ficção *Weird* nasceu da combinação do fantástico com o horror, “seria, de fato, o único gênero que se constitui uma “ruptura” na ordem natural ou um choque de dois sistemas explicativos rivais, o natural e o sobrenatural” (Reis Filho, 2019, p. 72). Para os teóricos franceses, a partir de Roger Caillois, mencionado por ele, o estranho no sentido filosófico busca investigar a natureza da verdade e da existência.

Como um dos possíveis caminhos para uma explicação na narrativa fantástica, o gênero Estranho se mostra um utilizador de elementos como medo, horror, alienação, sonhos e

¹⁶ Algumas vezes iremos chamar de Weird Fiction, Weird ou estranho.

muitos outros, para que se possa chegar a uma explicação lógica e, por fim, finalizar as dúvidas dos leitores, internautas e personagens. Um dos sentimentos mais comuns e explorados que conseguimos observar nas obras fantásticas é o medo do desconhecido.

Portanto, os autores e produtores conscientemente trabalham na atmosfera da história para gerar medo ou estranheza no seu receptor. Para Lovecraft (2008), o ambiente de terror e impotência deve corresponder ao estado de ânimo do leitor, para ele é a atmosfera e não a ação o ponto chave para a ficção fantástica. Qualquer descuido com relação a isso geraria um fracasso ao escrever o fantástico.

No que diz respeito ao nascimento do weird, Davis (1995 *apud* Reis Filho, 2019, p. 73) cita que os contos das décadas de 20 e 30 construíram efetivamente a “ponte” entre a decadência gótica do fim do século XIX e “as demandas mais ‘racionais’ da ficção científica do novo século, portando, o weird surgia como uma reinvenção das histórias sobrenaturais, seguindo a mudança que acontecia no mundo naquela época, logo que foi um período marcado por inovações tecnológicas e pelos estudos da mente humana, ou seja, narrativas de origem religiosa começavam a perder espaço enquanto o gênero “estranho” crescia.

De acordo com o Dr. Alexander Meireles, do canal *Fantasticursos* (2020), o escritor Lovecraft foi o primeiro a tentar explicar o que é ficção weird. Entretanto, apesar de ter se tornado o sinônimo dela, o primeiro a usar o termo “weird” foi o escritor Irlandês Joseph Sheridan Le Fanu, com a sua obra mais famosa, *Camila*, de 1992. Apesar do gênero estranho ter ganhado força no lugar do gênero Gótico, o estranho nunca perdeu sua ligação com as narrativas góticas, assim como, o Horror, Realismo Mágico e o próprio gênero Fantástico.

Com isso em mente, Meireles (2020) põe o estranho na posição de “entre gênero” do Fantástico, devido a sua ligação com outros gêneros existentes, “O criador de Cthulu estava posicionando a ficção weird fora dos territórios do gótico, do horror e da história de fantasmas [...]” (*Fantasticursos*, 2020). Segundo ele, o weird ocupa fronteiras entre territórios variados, mas possuindo seu eixo central no gênero de Horror.

Segundo Mark Fisher (2017), quando Lovecraft escreveu sobre o estranho, ele não começou mencionando o Horror, mas “He write instead of vague, elusive, fragmentary impressions of wonder, beauty, and adventurous expectancy”¹⁷ (Fisher, 2017, P. 52). Para ele, isso mostrava os sentimentos provocados com o encontro ao desconhecido. Portanto, quando a obra usa de elementos conhecidos e os transforma em algo estranho, ou até mesmo quando o

¹⁷“Ele escreveu em vez de impressões vagas, evasivas e fragmentárias de admiração, beleza e expectativa aventureira” (tradução nossa).

contrário acontece, temos na narrativa uma experiência inexplicável que cria uma repulsa ou surpresa a tudo aquilo que é desconhecido.

H. P Lovecraft (1927) afirma que o *weird* é mais que assassinatos secretos ou ossos ensanguentados, além disso, ele adiciona que os contos estranhos não seguem nenhum modelo teórico, afinal, toda a criatividade por trás dessas obras são diferentes. Além disso, ele continua dizendo que, narrativas que propõem ensinar ou produzir efeitos sociais, histórias de horror que possuem explicações naturais, ainda possuem a atmosfera nas condições perfeitas para um “terror” sobrenatural.

Temos como exemplo o autor Edgar Allan Poe, que “introduziu formas novas de fantástico, [...] algumas vezes muito mais radicados na sensibilidade “gótica”, outras vezes antecipadores de um gosto novo pelo macabro, pelo absurdo, pelo exótico, pelo grotesco” (Ceserani, 2006, p. 39). Poe — que revolucionou fazendo uso dos fatores psicológicos da mente humana — é citado por Todorov (2019) e classificado como estranho — por sua obra, *A Queda da casa de Usher*, possuir sensações estranhas, proporcionadas pelos próprios personagens que duram mesmo após a conclusão de forma lógica.

What is the weird? When we say something is weird, what kind of feeling are we pointing to? I want to argue that the weird is a particular kind of perturbation. It involves a sensation of wrongness: a weird entity or object is so strange that it makes us feel that it should not exist, or at least it should not exist here (Mark Fisher, 2017, p. 42)¹⁸.

Com uma nova forma de linguagem — o cinema — somos capazes de ver que essas sensações e essas misturas entre gêneros se intensificam e serão adaptadas de novas maneiras utilizando-se de imagens, sons e movimentos. Por isso, Cavalheiro (2017) sustenta que a narrativa precisa fazer com que o espectador acredite que aquilo é real por um momento. Diante do exposto, observamos como o Weird ou Estranho provoca esses sentimentos de perturbação, surpresa repentina ou medo, provocados pelos elementos fantásticos existentes na obra.

1.4. O GÊNERO MARAVILHOSO

Dentro do universo fantástico, existe um gênero oposto à busca pelo racional. Na verdade, nesse momento o insólito é aceito e o inexplicável passa a ser explicável por novas

¹⁸ “O que é o estranho? Quando dizemos que algo é estranho, que tipo de sentimento estamos apontando? Quero argumentar que o estranho é um tipo particular de perturbação. Envolve uma sensação de erro: uma entidade ou objeto estranho é tão estranho que nos faz sentir que não deveria existir, ou pelo menos não deveria existir aqui” (Mark Fisher, 2017, p. 42, tradução nossa).

regras. Chiampi (1980, p. 10) conceitua o maravilhoso, derivado da palavra “mirabilia” do Latim “...Olhar com intensidade, ver com atenção, ou ainda, ver através. O verbo mirare se encontra na etimologia de milagre – portanto contra a ordem natural – e de miragem – efeito óptico de engano dos sentidos”. Conceitos esses que nos remete ao oculto e ao mesmo tempo à uma percepção da nossa realidade.

Os personagens dessas histórias costumam ser bruxas, fadas, feiticeiros, duendes, objetos encantados, reis, rainhas, príncipes e princesas etc., em seus enredos ocorrem metamorfoses, transmutações etc. Há, assim, a intervenção do mágico maravilhoso como uma possibilidade plausível dentro daquela realidade criada no texto literário, que se assemelha ao mundo empírico dos homens, mas não estranha de forma alguma a intervenção do maravilhoso nesse mesmo mundo imaginário descrito (Ramos, 2021, p. 28).

O gênero Maravilhoso é descrito como a aceitação do sobrenatural sem nenhum tipo de resistência, aquilo que causaria espanto, estranhamento ou assombro, no Maravilhoso, esses elementos fantásticos são aceitos como naturais. Podemos destacar aqui a criação de mundos fantásticos¹⁹ como, por exemplo, “Feéria seria um mundo à parte, paralelo ao nosso, muito parecido em constituição, mas que tem, entre suas características, a magia como algo natural, principalmente porque a magia desses seres está ligada à natureza” (Correia, 2021, p. 137).

O mundo Feérico destacada pela autora é um lugar onde o sobrenatural é aceito, os feéricos são as próprias criaturas em destaque nesses mundos, descrito como seres incrivelmente belos e fortes, quase imortais, com conexão com a natureza, além de possuírem poderes. Um fato interessante destacado por Correia (2021) é a presença de humanos nesse mundo, entretanto, nesse tipo de narrativa os seres não estão em posição de questionamento, sendo o verdadeiro foco nessas obras o encontro de reinos distintos.

Por conta dessa característica mais ampla podemos encontrar, no maravilhoso, outros subgêneros do Fantástico. De acordo com Passos (2020, p. 36): “percebemos que o maravilhoso é a matéria-prima do mito, dos contos de fadas, até certo ponto da religião e de todas as narrativas que tratam da intervenção do sobrenatural no mundo natural”. Assim como o Fantástico possui seu conceito amplo, o maravilhoso enquadraria, como dito anteriormente, todos os gêneros que possuem o fantástico aceito.

Sustentado por Menna (2017, p. 4932): “Como os contos de fadas ou maravilhosos, a ficção de fantasia se desenvolve no âmbito do maravilhoso, contudo, devido a sua complexidade e tessitura narrativa mais longa, costuma a se manifestar em obras de maior

¹⁹ O termo “mundos fantásticos” é utilizado no sentido de que o maravilhoso é um gênero dentro do fantástico modo, onde o sobrenatural é aceito.

fôlego como em romances”. Exemplificando, os contos maravilhosos — uma narrativa específica — e os contos de fadas estão dentro do maravilhoso, entretanto, eles são diferentes um do outro, cada um possui elementos e formas de contar uma história.

Segundo Faria (2021), o maravilhoso é o elo que promove a união dessas histórias e ainda consegue unir o tempo arcaico dos mitos, dos tempos moderno e contemporâneo preservando sua natureza e estrutura. Uma vez que, devido a existência de histórias surreais aceitas desde os primórdios do homem, o maravilhoso já fazia parte de toda a preservação de uma cultura e pensamento.

Na idade média, Marinho (2006) afirma que o maravilhoso se inseria no cotidiano das pessoas de duas formas. A primeira estava vinculada à religião, promovendo uma mentalidade mística e um imaginário de temor que revelavam os limites impostos pelos domínios da igreja. A segunda tinha o efeito oposto, ela trazia consigo aquilo que era profano e desejável, coisas que estavam escondidas no mais profundo do coração humano, dessa maneira, as pessoas encontravam formas de burlar os limites impostos, por esse motivo que Le Goff (1983) disse:

O maravilhoso não existe em estado puro. Acolhe-se dentro de fronteiras permeáveis. O amplo alcance do maravilhoso medieval depende exatamente de seu desenvolvimento interno, pelo qual o maravilhoso se estimula e alarga e assume proporções ambiciosas e por vezes extravagantes (Le Goff, 1983, p. 13).

O alargamento do maravilhoso faz com que encontremos sua presença não somente na literatura, cinema ou teatro, mas no cotidiano com nossas crenças e até mesmo nos nossos desejos internos ocultos. Dessa forma, o maravilhoso encontra-se em um território de ambiguidade e, como afirma Marinho (2006), ele se encontra diluído no mundo ordinário, mesmo que aparentemente pareça sem conexão. Além disso, o maravilhoso possui a característica de “se explicar” dentro do próprio sobrenatural, sendo assim, sua narrativa se justifica na sua estrutura interna.

Para Aristóteles, segundo Correia (2023), o trabalho do poeta deve consistir em dizer tudo aquilo que poderia acontecer, sendo que esses acontecimentos destacados só devem ser ditos tendo em vista sua necessidade e sua probabilidade, ou seja, diz respeito a como essas sucessões de acontecimentos vão manter o grau de coesão da obra, visto que as ações gerarão possíveis resultados, entretanto, tudo isso deve ser possível dentro do próprio enredo.

Devido a esse tipo de funcionamento abordado, podemos compreender que o maravilhoso não é definido simplesmente por seus elementos surreais e extraordinários, mas pelo seu aspecto de trazer verossimilhança para uma narrativa oposta à nossa realidade atual.

Sendo assim, a construção do mundo maravilhoso deve ter coesão e ser possível dentro das leis apresentadas dentro desse mesmo mundo.

CAPÍTULO 2: THE LAND ON OTHER SIDE OF THE WALL

Neste capítulo, analisaremos a obra cinematográfica *Stardust* (2007), de Neil Gaiman, buscando os elementos presentes do Fantástico: o Estranho, o Maravilhoso e as reações provocadas por eles nos personagens. Para fins de organização, separamos este capítulo em duas seções que abordam respectivamente: a história da obra, a apresentação dos personagens e as análises propostas nesta monografia.

2.1 STARDUST (2007)

A obra cinematográfica *Stardust* (2007) é uma adaptação do livro de mesmo nome lançado em 1997. O romance de fantasia foi escrito por Neil Gaiman, autor de outras obras bastante populares como *Sadman*, *Caroline* e *American Gods*. A versão para as telas foi dirigida por Matthew Vaughn e teve sua estreia em 12 de outubro de 2007 no Brasil e em 10 de agosto no cinema americano. Em uma entrevista para o *Literary award and the Craft talk*, Neil Gaiman descreveu a experiência na criação dessa história: “*Stardust was the most perfectly, literal moment of inspiration have I ever had*” (Storytellers’ Studio, 2023)²⁰.

No livro, a arte de Neil Gaiman, produzida por Campell, Gaiman e Niffenegger, encontramos vários relatos de pessoas próximas a ele durante suas produções, assim como falas do próprio autor sobre o desenvolvimento de suas histórias. Na seção de *Stardust*, Gaiman (2014) relata sua experiência durante uma viagem com sua esposa pela região da Irlanda, ele observou um campo e um muro que o separava e nele havia buraco no centro e logo veio a ideia: “*You’ve got a wall, and you cross it, and now you’re in Faerie*” (Campell, 2014, p. 216)²¹.

Entretanto, apesar de ter escrito uma folha inteira sobre o muro, ele colocou a ideia de lado, pois estava ocupado com as produções de *Sadman* e, assim, o tempo passou.

²⁰ “*Stardust* foi perfeitamente o mais literal momento de inspiração que eu já tive” (STORYTELLERS’ STUDIO, 2023, tradução nossa).

²¹ “Você tem um muro e você o atravessa e agora está em Faerie” (Campell, 2014, p. 216).

Figura 01 — Stardust



Fonte: arquivo pessoal

Durante uma festa na casa de um amigo²², depois de participar de uma convenção mundial de fantasia em Tucson, Arizona, em 1991, Gaiman presenciou um meteorito cortando o deserto. Para ele, aquele momento foi perfeito, o meteorito em seus olhos parecia um diamante caindo do céu. Depois de sua passagem e seu desaparecimento no horizonte, o escritor começou a pensar que talvez pudesse caminhar até onde aquele meteorito estava e encontrá-lo. Entretanto, aquele evento parecia ser desinteressante, logo que é sabido que um meteorito é semelhante a uma rocha. Entretanto, pensou ele, que tudo ficaria mais interessante se, ao chegar, encontrasse uma garota no lugar da estrela cadente, ao invés de uma simples rocha espacial.

Ele menciona que todo o início de *Stardust* passou pela sua cabeça naquele momento, uma mulher com a perna quebrada e alguém que a procurava, com o objetivo de cumprir uma promessa, levar uma estrela caída para casa. Após sair da festa e voltar para a convenção que o concedeu o prêmio mundial de fantasia pela história em quadrinho *Sadman* ed. 19, encontrou Charles Bess que aceitou desenhar sua história (Campell, 2014). O autor começou a escrever em 1994 e a obra foi lançada em quatro partes pela Vertigo, em 1997, e ficou completa em 1998 com 175 ilustrações.

²² Descrição da história com base na entrevista feita em 2023 Literary Award Ceremony and the Craft Talk; disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JAc9vjOQxE>.

Independentemente de sua produção literária e cinematográfica, *Stardust* (2007) para Neil Gaiman foi além de “mais uma história fantástica”, foi uma mudança no próprio estilo do autor como também uma forma de inovar as histórias de contos de fadas, “Gaiman wanted to read a fairy tale that was unapologetically for adults, but there weren’t any on the shelves, so he wrote one instead” (Campell, 2014, p. 219)²³. Portanto, ele buscou trazer de volta a origem dos contos de fadas como contos para adultos, além de se espelhar nas obras de Tolkien.

Stardust was very consciously written, trying to put myself in a pre-Tolkienian mindset. Tolkien changed things. Before him, things weren't published, regarded, or reviewed as fantasy. They were reviewed in The New York Times by W. H. Auden. We live in a world where the idea of fantasy as being ‘something else’ is prevalent, where its success means it has to be replicated to keep it commercial (Campell, 2014, p. 219)²⁴.

Portanto, Neil Gaiman sempre buscou fugir das mesmas narrativas que acompanhavam as histórias de fantasia e isso fez com que *Stardust* (2007) fosse tão diferente e querido. Nesse ponto, como mencionado, Mathew Vaughn foi o diretor responsável pela produção cinematográfica e conheceu a história por meio da esposa Claudia Schiffer: “This is just like fairytale stories I read as a kid, except for adults; and she had [her husband] Matthew read it, and he said, T want to make it. I love fairytales, and I love this, and I want to do this” (Campell *apud* Vineyard, 2007)²⁵. A partir desse momento *Stardust* foi para as telas, em 10 de agosto de 2007, tendo como nome na versão Brasileira; *Stardust: o mistério da estrela* (2007).

2.1.1. Enredo

A história inicia na Inglaterra, no reinado da rainha Vitória. O narrador nos direciona a Universidade Real de Londres, onde uma carta contando sobre um suposto muro que esconde um reino mágico é lida e rejeitada por um dos cientistas. Essa carta veio de uma vila chamada Muralha, cujo nome é devido ao muro que a cerca. Nesse local existe um folclore, uma crença,

²³ “Gaiman queria ler um conto de fadas assumidamente para adultos, mas não havia nenhum nas prateleiras, então ele escreveu um” (Campell, 2014, p. 219, tradução nossa).

²⁴ “*Stardust* foi escrito de forma muito consciente, tentando me colocar em uma mentalidade pré-Tolkieniana. Tolkien mudou as coisas. Antes dele, as coisas não eram publicadas, consideradas ou resenhadas como fantasia. Eles foram revisados no The New York Times por W. H. Auden. Vivemos num mundo onde prevalece a ideia da fantasia como sendo ‘outra coisa’, onde o seu sucesso significa que tem de ser replicada para se manter comercial” (Campell, 2014, p. 219, tradução nossa).

²⁵ “Isso é como histórias de contos de fadas que li quando criança, exceto para adultos; e ela pediu que [seu marido] Mathew lesse, e ele disse: Eu quero fazer isso. Adoro contos de fadas, adoro isso e quero fazer isso” (Campell *apud* Vineyard, 2007, tradução nossa).

de que aquele muro os protegia das criaturas depois dele, pois acreditavam que existia outro mundo do outro lado.

Após a aventura, desobediência ou descrença de um jovem rapaz daquela vila, Dustan Thorn, atravessando para o outro lado e tendo um caso de uma noite com uma suposta princesa escrava de bruxa, retorna à muralha e, nove meses depois, recebe uma cesta com uma criança, chamada Tristan — seu filho com a princesa daquele lugar mágico.

Dezoito anos depois, Tristan é um rapaz humilde, bom filho e sonhador, porém muito apaixonado por Vitória, que o trata com desdém. A fim de ganhar seu coração e viver sua paixão, Tristan a convida para um piquenique à noite, entretanto, logo descobre que Vitória será pedida em casamento no seu aniversário por Humphrey — um pretendente bem mais afeiçoados e rico. Desesperado em meio aquela situação, ele tenta convencê-la a recusar até que, naquele momento, os dois presenciam a queda de uma estrela cadente, então, com toda sua determinação, Tristan promete trazer aquela estrela para ela e entregar no dia do seu aniversário como um pedido de casamento, os dois estabelecem um acordo, se ele conseguisse trazer a estrela cadente, ela se casaria com ele. Assim, Tristan começa sua jornada em busca da estrela no reino mágico de Stormhold, para descobrir que, na verdade, a estrela era uma mulher e que sua jornada será bem mais difícil, porque outros também querem a estrela.²⁶

2.1.2. Personagens

Com o intuito de facilitar a compreensão na hora da análise e, como parte importante da narrativa, apresentaremos alguns dos personagens e seus respectivos atores e atrizes. Começaremos pelo protagonista de nossa história, Tristan. “Charlie Cox demonstra segurança e carisma como protagonista, ilustrando com clareza a evolução crescente de Tristan, que, de jovem frágil e inseguro, transforma-se em um homem certo de suas ações” (Villaça, 2007)²⁷.

Tristan, interpretado pelo ator Charlie Cox, apresenta-se como um jovem responsável, porém comum. No início da narrativa, ele sempre se encontra em conflito com Humphrey (Henry Cavill) pela atenção de Vitória, esse é um jovem que se destaca por ter estudado fora, saber lutar esgrima e ter uma boa condição financeira. Sua relação com Vitória é unilateral, sendo usado por ela para satisfazer suas vontades. Após conhecer Yvane, Tristan conhece um outro tipo de atitude por parte da garota, com o decorrer da história os dois se aproximam mais

²⁶ Sinopse escrita com a autoria da autora desta pesquisa.

²⁷ Disponível em: <https://www.cinemaemcena.com.br/Critica/Filme/6344/stardust-o-misterio-da-estrela>.

e geram sentimentos um pelo outro. Além disso, Tristan muda sua maneira de agir, fazendo de tudo para proteger Yvane das bruxas.

A estrela Yvane, interpretada pela atriz Claire Danes, ao conhecer Tristan, soube que ia ser levada como presente para a amada do rapaz, indignada por estar sendo sequestrada, ela tenta fugir com a ajuda de um unicórnio, porém, é enganada pelas bruxas e logo é resgatada por Tristan. Como foi observado na obra, “Claire Danes, combinando ingenuidade e sabedoria, a atriz retrata o encantamento de Yvaine com este mundo ao mesmo tempo em que exibe a maturidade de séculos empregados na mera observação das interações humanas” (Villaça, 2007). Apesar de toda a sua sabedoria e determinação, conseguimos ver a vulnerabilidade da estrela e o surgimento do seu amor pelo rapaz durante a jornada.

A bruxa, interpretada pela atriz Michelle Pfeiffer, faz parte de um grupo de três irmãs que vivem em um castelo escondido em uma cratera. Com o objetivo de recuperar sua juventude, ela vai atrás da estrela, enquanto as irmãs a guiam por meio de adivinhação utilizando runas e órgãos de animais vivos. “assume uma personagem incomodada com o próprio envelhecimento. Auxiliada por um excepcional trabalho de maquiagem, a atriz parece se divertir horrores com as maldades da bruxa Lâmia, estabelecendo-a com sucesso como uma vilã a ser temida” (Villaça, 2007).

O Capitão Shakespeare é interpretado por Robert de Niro. Após Tristan e Yvane ficarem presos em uma nuvem e serem capturados por Piratas comerciantes de raio, eles encontram com o Capitão, que demonstra toda a sua fúria fingindo matar Tristan, arremessando-o da janela do navio e sequestrando Yvane. Ele é o responsável pela transformação visual de Tristan, além de ter sido um importante conselheiro para que Tristan percebesse como deveria ser realmente o amor. “A grande surpresa de Stardust fica por conta de Robert De Niro e seu capitão Shakespeare – e quando digo ‘surpresa’, não me refiro à qualidade da atuação de De Niro (o que esperar de um gigante com ele?), mas sim à curiosíssima natureza de sua composição” (Villaça, 2007). O personagem é apresentado como um capitão raivoso que todos temem, todavia, ele é um homem queer, paciente e amoroso, que adora vestidos.

2.2 ANÁLISES DA OBRA

2.2.1. O desencontro entre dois mundos

O filme se inicia com o narrador nos situando geograficamente, tendo em vista que o local onde os personagens estão inseridos faz toda a diferença sobre como os acontecimentos

se desenvolverão. Portanto, o narrador nos revela que estamos na Inglaterra, na época da rainha Vitória, mais especificamente, na Universidade Real de Londres.

Na figura 2, a universidade, temos vários cientistas estudando e fazendo observações das constelações utilizando um grande telescópio. O narrador nos relata que chegou uma carta direcionada a um dos pesquisadores vinda de um vilarejo, cujo folclore local afirma que existe um muro que é capaz de esconder um mundo mágico. Em seguida, o narrador nos revela a resposta desse pesquisador. Para ele, aquilo era um disparate, afinal, como um muro poderia esconder um mundo inteiro?

Dessa forma, o narrador nos direciona para outro local, a vila que foi mencionada nas cartas, ela se chama muralha e recebeu esse nome por conta do muro que a cerca. No entanto, vemos um jovem e um senhor conversando em um campo aberto, próximo à entrada do muro. O jovem se chama Dustan Thorn e ele está tentando convencer o guarda do muro de que não existe nenhuma ameaça e, por isso, ele deve permitir sua passagem para o outro lado. Com a constante negação do velho guarda, Dustan o engana, fingindo ir embora e cruza o muro.

Figura 2 — As representações do mundo lógico



Fonte: *Stardust* (2007, 01min11s - 02min11s)

Dustan: Look, do you see another world out there? No! You see a field.

Dustan: Do you see anything nonhuman? No! And you know why? Because it's a field!²⁸ (*Stardust*, 2007, 00:02:02 – 00:02:11).

Esse início, é importante para nós compreendermos o funcionamento do mundo atual e lógico. Primeiramente, nossa localização geográfica em uma universidade e a época em que os personagens estão situados, revelam-nos como as pessoas viam aquilo que era possível e impossível, ou seja, demonstram suas noções de realidade. Para Roas (2014, p. 32), “Toda representação da realidade depende do modelo de mundo de que uma cultura parte”. Dessa forma, o modelo de mundo que nos foi apresentado é de uma sociedade com um grande crescimento nos estudos científicos, ou seja, aquilo que pode ser provado ou não, passa a ser tratado como acontecimentos possíveis ou impossíveis.

Seguindo essa lógica, temos o surgimento de mais dois personagens pertencentes ao vilarejo Muralha, Dustan Thorn e o velho guarda do muro na figura 2. Como afirma García (2014), toda narrativa precisa ter a narração de uma ação, porém, essa ação só existirá se algum personagem a exerce ou a sofre, portanto, como forma de reafirmar esse pensamento social, muito embora a própria vila tenha suas crenças baseadas no sobrenatural, Dustan Thorn, uma geração mais nova, que está crescendo naquele período de inovações tecnológicas, busca de todas as formas convencer o guarda de que não existe nada além do muro.

Segundo Santos (2011, p. 13), “A associação de planos em uma determinada sequência cria na mente um significado, que é determinado pela verificação de suas conexões, criando uma necessidade de se mediar cada plano e sua relação com a disposição linear dos fatos/imagens”. Portanto, as imagens dispostas lado a lado mostram o ambiente escuro e silencioso, algo que nos remete ao desconhecido, medo e insegurança, provocados pela associação de informações sobre um possível mundo desconhecido. De toda forma, o “zoom” que a câmera põe em cima da passagem do muro nos faz pensar ainda mais nesse desconhecido, mesmo que, de toda maneira, ainda se pareça com a continuação do mesmo campo verde.

Além disso, na figura 2, no frame em que estão os dois personagens lado a lado, vemos a diferença de pensamentos de acordo com as gerações: o velho guarda querendo seguir à risca o que lhe foi ensinado; o jovem, crescendo em uma sociedade com o pensamento mais lógico, acha improvável existir algo que teve origem em um folclore. Observamos isso por sua microexpressão segura ao falar.

²⁸ “Dustan: Olha, você vê outro mundo lá fora? Não! Você vê um campo. Dustan: Você vê algo não-humano? Não! E você sabe por quê? Porque é um campo!” (*Stardust*, 2007, 00:02:02 – 00:02:11).

De toda forma, esses momentos estabelecem o pensamento e a lógica que existe no vilarejo e no mundo dos personagens até o início do filme, provocando, assim, sua desconexão, afinal, não se considera a existência de uma realidade oposta vivida pelas pessoas daquela sociedade, mesmo que haja folclore que relatam essas existências.

Logo após enganar o guarda e atravessar o muro, Dustan depara-se com um mercado cheio de pessoas e criaturas. Percorrendo por aquele local, ele encontra uma jovem vendendo objetos mágicos. Nesse momento, descobre que ela é uma princesa escrava de bruxa e que só poderá ser livre quando a bruxa morrer e a corrente sumir. Em uma tentativa falha de cortar a corrente que, por possuir propriedades mágicas, volta à sua forma original, ele compra uma flor sugerida pela mulher, em troca de um beijo, então, Dustan e a mulher dormem juntos enquanto a bruxa está fora.

O narrador, mais uma vez, nos direciona para o “lado humano” da muralha, quando Dustan já havia retornado para casa. Entretanto, quebrando as expectativas do jovem, nove meses depois, chega uma cesta em sua casa, entregue pelo guarda do muro. Nessa cesta, havia um bebê de nome Tristan — filho de Dustan e da Princesa misteriosa. Novamente, o narrador menciona o cientista, dessa vez, afirmando o seu erro: aquele mundo mágico existia de fato e o muro realmente possuía o papel de esconder o mundo de Stormhold.

Figura 3 — O choque entre dois mundos e a linha tênue que faz a separação



Fonte: *Stardust* (2007, 03min25s - 05min53s)

Narrator: The Young man returned that night to his home in England hoping that his adventure would soon be forgotten²⁹ (*Stardust*, 2007, 00:06:01 - 00:06:05).

Para Almeida e Cavalheiro (2020), chamamos de insólitos os eventos, procedimentos ou algum aspecto da narrativa que fuja do esperado, ou seja, que não se apliquem à nossa realidade cotidiana e com os conhecimentos que possuímos em relação à ciência contemporânea. Se tratando de uma obra cinematográfica, onde não teremos acesso aos pensamentos dos personagens frente aos acontecimentos, suas (micro) expressões e ações serão a chave para entendermos o sentimento provocado por esses encontros com o sobrenatural.

Segundo Deleuze (1989, p. 32), “The affection-image has the icon as sign of composition, which can be of quality or of power; it is a quality or a power which are only expressed (for example, a face) without being actualized”³⁰. A imagem de afeição faz parte do que Deleuze chama de imagem-movimento, juntamente com imagem ação e imagem percepção. Segundo Benites (2021)³¹, a imagem afeição faz referência ao close dado a um rosto, expressando um sentimento ou a objetos inanimados que terão uma “rostidade” que nos servirá como forma de avaliação.

Dito isso, Dustan, em seu encontro com o insólito, não demonstra medo ao ponto de o fazer fugir desesperado, entretanto, toda a continuidade da cena nos proporciona a sensação de confusão e admiração, quase como se estivéssemos vendo um sonho. Na imagem, é possível observar o momento em que seu rosto é enquadrado face a um ser misterioso à venda. Os olhos em movimento dentro do rosto também ocupam a mesma posição central na imagem, dessa forma, destacando os sentimentos de estranheza do personagem sobre aquele estranho evento.

Nas cenas seguintes, o mapa de Stormhold e da Inglaterra são revelados, fazendo parte de um mesmo plano, ou seja, de um mesmo mundo, todavia, o “muro” faz o papel de separação desses dois universos. Como menciona Alazraki (2001), o neofantástico assume o real como uma base sólida que oculta uma segunda realidade, enquanto isso, o segundo mundo, é como um queijo gruyère, cheio de furos por onde conseguimos vislumbrar o que está além do real, questionando assim a nossa própria realidade.

Dessa forma, o muro é a linha tênue que separa os dois mundos, ocultando ambos. Como veremos mais à frente, dependendo do seu ponto de vista na história, o mundo que está

²⁹“Narrador: O jovem voltou naquela noite para sua casa na Inglaterra, esperando que sua aventura fosse esquecida” (*Stardust*, 2007, 00:06:01 - 00:06:05, tradução nossa).

³⁰“A imagem-afeto tem o ícone como signo de composição, que pode ser de qualidade ou de potência; é uma qualidade ou um poder que apenas se expressa (por exemplo, um rosto) sem ser atualizado” (Deleuze, 1989, p. 32, tradução nossa).

³¹Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xw8APauFjCM>.

sendo oculto pode variar, afinal, o senso de real depende do local e experiências de cada indivíduo. O fantástico nesse momento se revela para o personagem que não demonstra medo, mas inquietude e um certo maravilhamento.

Entretanto, como mencionado pelo narrador, ele retornou à sua casa em muralha e esperou que tudo fosse esquecido. “No momento exato em que essa dúvida é resolvida, não temos mais o fantástico” (Fratucci, 2017, p. 607). De acordo com o fantástico tradicional, o fantástico existe somente durante um momento de hesitação e, muito embora o mundo de Stormhold continue existindo independente da escolha dos personagens, a tomada de decisão de Dustan e sua maneira de encarar o ocorrido fizeram com que ele negasse o mundo mágico.

Em síntese, devido ao desencontro de realidades vividas pelos personagens, temos o aparecimento de reações fantásticas provocadas pelo choque entre o real e o sobrenatural, evidenciadas nas reações de Dustan no mercado e sua escolha no retorno para casa. O muro, pertencente a ambos os mundos, possui o papel de ocultar, mas também de separar as propriedades existentes em cada universo, ou seja, ele é a linha tênue que impede que as respectivas leis sejam quebradas.

2.2.2 O encontro entre dois mundos

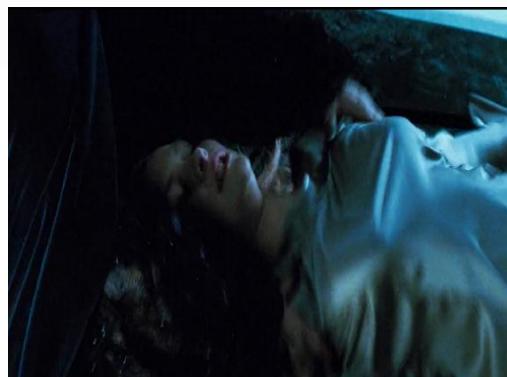
Embora os desencontros possam ser bem mais fáceis de serem percebidos durante a narrativa, os encontros proporcionados pelo fantástico existem. Afinal, o fantástico, como é descrito por Zinani e Barp (2024), permite que assuntos, principalmente aqueles considerados tabus, possam ser discutidos livremente.

Depois que Tristan, o protagonista, encontra a estrela Yvane e, por instinto, segue em direção ao norte, buscando uma orientação sobre sua real localização. Tristan menciona a estrela da noite (*evening star*) — uma estrela guia que não perde o seu brilho mesmo de dia — nesse momento, ele descobre que Yvane é a *evening star* e que, por isso, não a localiza no céu. Yvane, exausta, deita-se encostada em uma árvore e pede que Tristan a deixe dormir, pois ela nunca havia ficado acordada até tão tarde, afinal, estrelas dormem pela manhã.

Mesmo relutante, Tristan prende Yvane na árvore e sai em busca de alguma vila próxima. Durante sua ausência, à noite, a estrela acorda e é resgatada por um unicórnio que destrói a corrente mágica e a leva embora. Entretanto, não era somente o protagonista que queria a estrela, outros seres estão atrás dela, incluindo bruxas. Yvane, sem saber do perigo, aproxima-se de uma armadilha preparada por elas com o objetivo de arrancar o coração da estrela e devorá-lo.

Tristan retorna ao local e percebe a ausência de Yvane. Exausto, ele dorme encostado na árvore e tem uma visão. Na verdade, uma estrela está mostrando para Tristan a história de outra estrela que caiu há 400 anos. Infelizmente, as bruxas a encontraram, cuidaram dela e a alimentaram e, quando o coração dela estava cheio de alegria e ela começou a brilhar, elas a mataram e comeram o coração.

Figura 4 — As três bruxas e a morte da estrela



Fonte: *Stardust* (2007, 47min 04s - 47min37s)

No universo de *Stardust*, possuir o coração de uma estrela concede imortalidade, mas não somente isso, pois o objetivo das mulheres era outro, o coração da estrela concedia a beleza que elas tanto almejavam. Como podemos observar na Figura 4, temos a presença de quatro personagens, as três bruxas, a estrela e todo o cenário preparado por elas com objetivo de arrancar o coração da mulher.

As narrativas fantásticas não são desconexas com a nossa realidade, como vimos, o fantástico nasce tendo como referência o nosso mundo atual. Como menciona Marcilio (2010), sobre os efeitos de encantamento que foram referidos por Chiampi e observados por ele na obra

Os pecados da tribo, o autor se utiliza de alegorias conectando duas realidades, dessa forma, se cria uma analogia entre a ficção e o nosso cotidiano. O mesmo acontece em *Stardust*, a alegoria criada quando conhecemos o passado da estrela de 400 anos, faz com que a associemos à nossa própria realidade no que se refere a conduta ou a moral presente na sociedade.

Portanto, daremos destaque ao que representa “a estrela” e o cenário que foi montado para a sua morte. Como ficou evidente na figura 4, as bruxas deitam a jovem sobre uma mesa, entretanto, a disposição dessa mesa, da sala ao fundo e das escadas nos lembram um altar, nesse caso, um altar de sacrifício. Observando a narrativa do filme, conseguimos perceber que as bruxas não precisam necessariamente matar a estrela nesse local, entretanto, elas sempre buscam realizá-lo neste cenário específico, o que nos remete muito aos rituais realizados por tribos antigas, sendo a bruxa mais velha a realizadora do ato.

Consequentemente, conseguimos associar a importância da estrela e sua simbologia com os povos antigos do nosso mundo atual. Nicholas Campion (2012) analisa a relação do cosmo com religiões passadas e presentes que trazem essas narrativas místicas, essas formas de ver o céu como uma maneira de negociar o destino e buscar significado nas estrelas, além disso, “For pre-modern cultures, the cosmos was interior as much as exterior; it was inside us as much as outside us” (Campion, 2012, p. 6)³². Dessa maneira, ele enfatiza que as estrelas revelam o que está dentro, porque fazem parte de nós.

Dessa forma, as estrelas ou o cosmo é visto como algo divino, que detém o conhecimento e o destino da humanidade que observa, portanto, o ato de colocá-la em um altar como um sacrifício, representa matar esse divino e selar o destino. No filme, não nos é revelado se essa foi a primeira estrela que as bruxas consumiram, entretanto, na obra, é apresentada uma outra bruxa que não possui relação com as irmãs e que é mais jovem do que elas.

Sendo assim, por serem seres de Stormhold, naturalmente seus anos de vida são mais longos do que um ser humano do mundo lógico, entretanto, elas envelhecem de forma natural. Como podemos perceber, elas já eram idosas quando capturaram a última estrela há 400 anos, sendo diferente da narrativa de Yvane, em que a bruxa mais velha só inicia sua busca por Yvane após consumir o restante da última estrela e ficar jovem.

Interpretamos que as bruxas, mesmo sendo poderosas e naturalmente vivendo por muito tempo, tinham essa vaidade por beleza de forma extrema, fazendo com que elas atacassem um ser “divino e puro”. Na figura 4, a expressão da estrela e uma figura com roupas pretas segurando-a, mostram o ato proibido e o destino sendo selado, como menciona Gazeta

³² “Para as culturas pré-modernas, o cosmo era o interior tão quanto o exterior; estava dentro de nós como estava fora de nós” (Campion, 2012, p .6, tradução nossa).

(2023), a cor preta é associada ao poder, ao proibido, ao místico e às coisas que são feitas em segredo, por isso que, nesse momento, todas as três estão vestidas de preto e, além disso, a cor se destaca juntamente com o desespero da estrela assassinada.

Além disso, todo o cenário se concentra nas cores azul, preto e cinza que, como corrobora Gazeta (2023), são cores que representam a frieza, o frio e a solidão. O ato de retirar o coração pode ser simbolizado como esse selamento do destino da estrela e das próprias bruxas, logo que Castro; Fernandez (2010) dizem que o coração representa a sede da alma e da mente, na cultura egípcia o coração é capaz de armazenar as informações e experiências de uma pessoa.

Portanto, o fato de elas matarem de forma fria e cruel, com uma lâmina que parece com um vidro, faz com que suas próprias almas sejam corrompidas por essa sede de vaidade. Logo, as bruxas representam a busca incessante pela beleza o que muitas vezes é associada à figura feminina, pois existe uma pressão social por padrões de beleza que devem ser alcançados pelas mulheres: “A busca incansável pelo padrão de beleza imposto socialmente faz com que muitas mulheres se arrisquem” (Silva, 2021)³³. Muito embora houvesse a existência do cuidado e carinho que fizeram com que uma confiança fosse gerada, o que permitiu que elas conseguissem deitar a estrela na mesa, lembramo-nos do feminino como figuras maternas e amáveis e depois como figuras diabólicas e sem coração.

A inocência da estrela perante o perigo que a rondava, a malícia e a maldade do coração das bruxas, mostram claramente como a figura feminina era vista, buscando incansavelmente por um padrão de beleza social, assim como uma rivalidade entre elas, tendo em vista que, a bruxa mais velha do trio, ficará feliz com a morte das irmãs no final, pois teria o coração somente para si. Portanto, temos a figura feminina associada ao materno e ao diabólico ao mesmo tempo sendo mostrada de forma sutil e alegórica no mundo fantástico.

No mesmo contexto das bruxas, temos os príncipes de Stormhold, no total são sete irmãos que competirão para se tornarem o futuro rei do mundo encantado. A primeira aparição desses personagens é simultânea ao momento em que Tristan e Vitória estão no seu encontro romântico. O narrador nos direciona para dentro dos domínios de Stormhold, mais especificamente, para o castelo do rei, lá vemos quatro dos sete filhos ao redor da cama do pai que está prestes a falecer.

O rei menciona sua decepção por ver que os quatro estavam vivos no momento de sua morte, pois o ideal seria ter somente um. Na verdade, o rei ensinou para os seus filhos que para

³³Disponível em:< <https://g1.globo.com/mg/centro-oeste/noticia/2022/03/08/sempre-ouvi-que-era-bonita-de-rosto-mas-precisava-emagrecer-e-fiz-loucuras-especialistas-apontam-quais-valores-estao-em-jogo-pela-ditadura-da-beleza.ghtml>> .

conseguir a coroa valia tudo, até mesmo matar seus próprios familiares e esse foi um dos caminhos que ele tomou, matou seus irmãos e se constituiu rei, sendo mencionado pelo seu filho Sétimos como um homem forte.

O rei pede para um dos filhos dizer o que vê pela janela e sinaliza para que o outro o derrube de lá. Depois de sua queda, ele se manifesta como um fantasma, não somente ele, mas também seus outros irmãos que foram mortos anteriormente. Com três filhos vivos, o rei tira seu colar do pescoço e ele passa de vermelho para branco e decreta que o colar se tornará rubro novamente quando alguém de sangue real o tocar e que, o filho que conseguir recuperar o colar, será o novo rei. O colar, que possui propriedades mágicas, sai voando pela janela em direção ao céu, colidindo com uma estrela, causando a sua queda.

Figura 5 — Os príncipes massacrados



Fonte: *Stardust* (2007, 01:33:34)



Fonte: *Stardust* (2007, 01:57:50 - 01:57:57)

Os príncipes e suas mortes representam, assim como as bruxas, uma alegoria e nos traz uma reflexão sobre a nossa realidade. No caso dos príncipes — a busca se origina no poder —

o fato de eles buscarem se tornar reis e serem estimulados por conta de uma “tradição” ou “conduta” familiar, considerada natural na narrativa, fazem com que eles matem uns aos outros.

De acordo com a BBC News mundo (2021)³⁴, as três principais nações, Alemanha, Reino Unido e Rússia, que protagonizaram vários conflitos, compartilhavam laços de sangue em comum. Seus monarcas eram parte da mesma família da rainha Vitória do Reino Unido. Portanto, conhecendo a história de nossa própria realidade, vemos que, narrativas de busca por poder dentro de uma mesma família ou fora dela, realmente aconteciam e ainda acontecem, sejam elas de forma velada ou não, evidenciando o encontro entre a narrativa fantástica e a realidade.

Na figura 5, vemos dois momentos diferentes na história, em que a narrativa dos príncipes se torna mais evidente do que a jornada do protagonista. Na primeira imagem, os príncipes estão sentados no teto de um hotel onde Tristan e Yvane estão. Como espectadores, eles sabem que seu irmão Sétimos está próximo do local, logo eles começam uma longa reflexão sobre o irmão, o único vivo, tornar-se rei. O interessante dessa cena é o clima de melancolia seguida de um nome bem grande que faz referência a situação daqueles príncipes “The slaughtered prince”, que significa “o príncipe massacrado”. A posição corporal de cada um evidencia essa melancolia e derrota em troca das próprias vidas, além disso, os fantasmas que antes eram azuis, tornam-se um marrom esbranquiçado, que nos remete a antiguidade, ou algo esquecido no passado.

Como Fundamenta Raslan (2021, p. 62): “O conteúdo do signo pode ser afetado por índices de valor do telespectador, conforme as etapas desenvolvidas pela sociedade, ou seja, novos signos serão criados”. Com isso, a presença dos fantasmas, que durante toda a jornada de Tristan foi tratada como alívio cômico, toma agora um aspecto mais sério. Dessa forma, os aspectos do filme tomaram novas formas de significações relacionadas à identidade e instabilidades de acordo com conflitos de interesse de grupos específicos (Raslan, 2021).

De fato, possuindo um tom mais sério, passamos por refletir sobre a história dos príncipes que perderam a vida e percebemos também que, apesar de ser um momento melancólico, esse foi o único momento que eles agiram como uma família de verdade, presos em um terceiro plano em que só cabia a eles observarem os acontecimentos realizados por outros personagens até que cheguem à conclusão da própria história com a imagem seguinte.

It will be a novel change, and crucial, in the seventeenth century, when an element of a plane refers directly to an element of a different plane, when characters address each

³⁴ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-55016098>.

other directly from one plane to another, in an organization of the picture along the diagonal, or through a gap which thus privileges the background and brings it into immediate touch with the foreground. The picture 'is internally hollowed out' (Deleuze, 1989, p. 107)³⁵.

De acordo com Deleuze (1989), as obras cinematográficas também tiveram uma mudança no que se refere ao posicionamento das imagens, tendo como referência os planos existentes nas pinturas. Segundo ele, o cinema produzia profundidade por meio de uma técnica de justaposição, entretanto, Wells inventou uma profundidade de campo que permite, por meio de uma diagonal ou lacuna que atravessa todos os planos, que os elementos interagem entre si, ou seja, o segundo plano (fundo) terá contato com o primeiro.

Na figura 5, temos uma imagem mais aberta e centralizada com ênfase nos personagens vivos: Tristan, Yvane e a mãe de Tristan. Entretanto, os fantasmas continuam em foco e isso é devido a interação desses planos, ou seja, mesmo ao fundo, eles ainda estão presentes possuindo uma relação com o primeiro plano. Dito isso, fica evidente seu grau de importância nesse momento específico, pois, após Tristan derrotar a bruxa e achar a pedra no chão, ela se torna vermelha, evidenciando seu laço sanguíneo com a família real. Dessa forma, ele se torna o novo rei de Stormhold e quebra a maldição dos fantasmas que conseguem, finalmente, morrer.

Na figura 5, podemos perceber que os fantasmas possuem uma cor mais azulada quando comparada com a cena anterior, de acordo com Gaveta (2023), o azul também nos remete a liberdade e paz além da frieza e solidão. Sétimos — que era o único irmão vivo — morre, dando fim ao ciclo de morte e das lutas por poder dentro da própria família. Com os irmãos livres e com a ascensão de Tristan a rei de Stormhold, temos a conclusão da história dos fantasmas e não somente a conclusão da jornada de Tristan.

Conclui-se, portanto, que a narrativa fantástica em seu modo ou gênero busca trazer novas possibilidades de se olhar o mundo e não somente artifícios que a distanciem da realidade. Alegorias que tratam de assuntos sérios e poucos discutidos, tabus ou até mesmo aqueles que estão velados pela forma que a sociedade foi construída ao longo dos séculos encontram no fantástico uma maneira de se manifestar, buscando que os espectadores entendam tais ações e seus prejuízos ou benefícios para a sociedade real, afinal, fazer com que o público reflita sobre

³⁵“Será uma mudança nova, e crucial, no século XVII, quando um elemento de um plano se referir diretamente a um elemento de um plano diferente, quando os personagens se dirigirem uns aos outros diretamente de um plano para outro, numa organização do quadro ao longo na diagonal, ou através de um vão que privilegia o fundo e o coloca em contato imediato com o primeiro plano. A imagem “é esvaziada internamente” (Deleuze, 1989, p. 107, tradução nossa).

a moral e seus valores sociais fazem com que haja uma conexão entre a ficção e a realidade como agente transformador do indivíduo.

Figura 6 — O novo rei de Stormhold



Fonte: *Stardust* (2007, 01h58min47s - 01h59min02)

Como dito, após Tristan derrotar as bruxas com a ajuda de Sétimos e da estrela, ele encontra uma joia no meio dos escombros deixados por conta da batalha, essa joia fazia parte do colar do rei no início do filme, tendo seus dois critérios atendidos: achar a joia e possuir sangue real, transformando, assim, a pedra na cor rubra. Tristan é filho de uma princesa, porém, por conta de sua mãe ter sido escravizada por uma bruxa, sua existência era desconhecida.

A ficção não quer nos enganar, como no caso da mentira, ocupando o lugar da verdade. Também não quer ser verdadeira, no sentido de uma versão única da realidade, mas promover uma mediação simbólica, organizar imaginariamente o real, ainda que de forma diferente daquela feita pelo pensamento. E isso porque a ficção envolve emoções e sentimentos, enfim, uma participação afetiva (Almeida; Cavalheiro, 2020, P. 95).

A construção do personagem Tristan já provoca a mediação simbólica mencionada por Almeida, pois o personagem é filho de uma mãe pertencente ao mundo fantástico e o pai ao mundo real. Entretanto, temos que considerar que Tristan cresceu na realidade cotidiana da

Inglaterra, onde eventos surreais não são aceitos, sendo necessário um novo simbolismo para representar essa união ou até mesmo trazer à tona o lado mágico de Tristan.

Portanto, na figura 6, temos essa união representada pelo amor entre os personagens Yvane e Tristan e a coroação desses dois indivíduos vindos de lugares tão distintos promove a mediação e o desenvolvimento afetivo pelo encontro da realidade cotidiana e do fantástico. Além disso, a sequência de imagens sendo direcionada do casal para os personagens presentes na plateia, reafirma essa união. Outrossim, continuando na figura 6, a câmera se direciona para a plateia que pertence a vila muralha, fechando o quadro em três personagens que, durante a narrativa, demonstraram um tipo de descrença, seja no nível romântico, individual ou de crença, contemplando, mesmo que de maneira aborrecida, a mudança que ocorreu no personagem principal.

Segundo Todorov (2006), para que uma trama seja construída, ela deve apresentar os mesmos termos do início, embora de maneira modificada. Portanto, a jornada de Tristan foi essencial para sua mudança como indivíduo e das circunstâncias ao seu redor, visto que, com sua ascensão ao trono, a maldição de sua família materna foi quebrada e ocasionou na união, mesmo que momentânea, entre as pessoas de muralha e o povo de Stormhold.

O enquadramento nos três personagens citados conclui o raciocínio de Todorov: “Todas essas análises, que visam descobrir a relação estrutural, dizem respeito unicamente, não o esqueçamos, ao modelo construído e não à narrativa como tal” (Todorov, 2006, p. 41). O modelo criado no mundo de Stormhold visava a separação de dois povos e de dois mundos, além de um ceticismo para com o mundo além do muro, embora houvesse uma tradição folclórica na vila, essa relação modificada não diz respeito somente à narrativa de Tristan, mas toda a construção de mundo em torno dele.

Concluímos que a estrutura presente nas cenas finais de *Stardust* (2007) promovem a união em contraste com o início da obra, em que víamos claramente a separação dos indivíduos por meio do muro que os delimitavam. Além disso, a coroação de dois personagens criados em mundos distintos, mesmo que Tristan seja pertencente aos dois, nos remete a esse relacionamento encontrado nas narrativas fantásticas com o mundo cotidiano.

Dessa maneira, percebemos o conceito do gênero Fantástico a partir da existência por outro mundo pré-existente, haja vista que o fantástico é aquilo que vai de encontro à realidade conhecida por nós com seres mágicos e mundos incríveis. Dessa forma, para se fazer o fantástico, precisa-se conhecer o mundo natural, promovendo, assim, conexões e desconexões na narrativa.

2.2.3. A jornada de Tristan Thorn: o estranho

Por conta de seu amor por Vitória, Tristan faz uma promessa ao observar uma estrela cadente cortando o céu noturno de Muralha. Essa promessa consistia em buscar a estrela e entregá-la a Vitória no dia do seu aniversário com o intuito de pedir sua mão em casamento e evitar que Humphrey o fizesse. Com esse objetivo em mente, Tristan tenta passar pelo guarda do muro, falhando, entretanto, ele descobre que seu pai conseguiu passar quando era jovem.

Chegando a casa, depois de apanhar do guarda, ele explica a situação para o pai e pergunta sobre sua travessia. Dessa forma, Tristan descobre que sua mãe pertence ao povo do outro lado do muro e que deixou uma carta e uma vela da babilônia, uma vela que, segundo a carta, deveria ser acesa quando o rapaz pensasse nela. Tristan pega a vela e pede que o pai a acenda. No minuto seguinte, o rapaz é levado para outro local com o poder da vela, entretanto, seus pensamentos mudaram tão rápido quanto sua localização, afinal, seus planos em conseguir a estrela falaram mais alto e lá estava ele, na cratera onde caiu a estrela cadente.

Para a sua surpresa, a estrela não era uma rocha, mas uma garota e ela estava ferida por conta da queda. Tristan ficou surpreso, mas maravilhado com a situação, entretanto, seus planos continuam os mesmos: levaria a estrela de volta para Muralha e a entregaria para Vitória. Depois que seu plano se concretizasse e ele tivesse o seu amor, daria o último pedaço da vela para a estrela que, assim, retornaria para casa.

Figura 7 — O encontro com a estrela humana



Fonte: Stardust (2007, 29min59s - 30min00s)

Tristan: May I just say in advance that I am sorry?

Yvane: Sorry for what?

Tristan: For this. Now, if I am not mistaken this means you have to come with me. See, you're going to be a birthday gift for Victoria, my true love.

Yvane: But of course! Nothing says romance like the gift of a kidnapped, injured woman!³⁶ (*Stardust*, 2007, 00:29:40 - 00:29:51).

Segundo Todorov (2018), o estranho corresponde ao inexplicável que é reduzido a fatos conhecidos e experiências, ou seja, é relacionado ao tempo passado. O encontro de Tristan com a estrela proporciona reações fantásticas, pois suas experiências prévias afirmavam que estrelas seriam pedaços de rocha, entretanto, vemos claramente essa redução em vista da nova realidade, quando Tristan diz que a levará como presente de aniversário, ignorando totalmente que a estrela é uma mulher.

Como afirmativa sobre esse comportamento do personagem, a própria estrela reage dizendo: “Nada mais romântico do que uma mulher ferida e sequestrada” (*Stardust*, 2007, 00:29:40 - 00:29:51). Entretanto, suas palavras não possuem efeito sobre Tristan, que está determinado a levá-la para o seu mundo como é evidenciado na figura 7. Yvane com a perna ferida é agora acorrentada por Tristan, que a puxa como se fosse algo realmente inanimado e que deveria obedecê-lo. A postura corporal da estrela e a do personagem principal evidenciam essa falta de empatia ao acontecido com a garota.

Essa ação, evidenciada no diálogo e complementada pela imagem, assemelha-se com o que menciona Todorov (2018, p. 49): “Não sabemos como explicar os fenômenos estranhos que ocorrem; todavia, também não estamos prontos a admitir o sobrenatural tão facilmente quanto o natural”. Dessa forma, Tristan tem seu segundo encontro com o surreal, porém, não o abraça devido a uma resistência vinda de uma experiência gerada na sua realidade cotidiana.

³⁶ “Tristan: Posso apenas dizer antecipadamente que sinto muito?

Yvane: Desculpa pelo quê?

Tristão: Por isso. Agora, se não me engano, isso significa que você tem que vir comigo. Veja, você vai ser um presente de aniversário para Victoria, meu verdadeiro amor.

Yvane: Mas é claro! Nada mais romântico do que uma mulher sequestrada e ferida como presente!” (*Stardust*, 2007, 00:29:40 - 00:29:51, tradução nossa).

Figura 8 — A vela da Babilônia



Stardust (2007, 01:38:44 - 01:38:50)

Figura 9 — O mundo lógico



Stardust (2007, 00:27:14 - 00:27:33)

Figura 10 — A pousada da bruxa



Stardust (2007, 00:55:57 - 00:56:06)

Tristan: What happened?

Guard: Be my guest. I quit. Eighty Years, I've stopped you people going out, what I should have been worrying about was those people from the other side coming in³⁷ (*Stardust*, 2007, 01:42:17 - 01:42:25).

Após vários acontecimentos dentro de Stormhold — sua jornada está perto do fim — Tristan e Yvane se aproximam da Muralha, entretanto, fazem uma parada no mercado próximo a Muralha para descansarem. Nesse local, Tristan se declara para Yvane percebendo que ela é o seu verdadeiro amor, mas, ao amanhecer, Tristan retorna à Muralha com um pedaço de cabelo de Yvane deixando-a para trás.

³⁷ “Tristan: O que aconteceu?

Guarda: Fique à vontade. Eu desisto. Por oitenta anos, eu impedi vocês de sair, o que eu deveria ter me preocupado era que as pessoas do outro lado entrassem” (*Stardust*, 2007, 01:42:17 - 01:42:25, tradução nossa).

Com o intuito de cumprir sua promessa, Tristan encontra Vitória, que se surpreende pela mudança do rapaz, além disso, Humphrey também percebe a diferença do rapaz que costumava humilhar por não saber lutar com espadas. Tristan recusa Vitória, pois encontrou seu verdadeiro amor, porém, cumpre sua promessa, entregando os cabelos de Yvane, enrolado em um lenço. Vitória fica brava e arremessa o tecido em Tristan, dizendo que ele só levou pó de estrela, nesse momento, Tristan percebeu que o muro não estava lá por acaso, ele realmente impedia que as diferentes propriedades existentes em ambos os mundos se encontrassem.

Roas (2014, p. 43): “O fenômeno fantástico, impossível de explicar pela razão, supera os limites da linguagem: é por definição indescritível porque é impensável”. Portanto, estamos falando da invasão de algo impensável ao mundo ordinário. Desse modo, o muro faz com que o insólito se transforme em algo possível de ser explicado, fazendo com que ele retorne às propriedades naturais do mundo atual.

Dessa forma, a estrela, que antes era humana, retorna para sua forma original, rocha ou, como vimos na figura 8, pó de estrela. Na figura 9, também temos a presença da vela da babilônia que, embora tenha sido usada por Tristan, provocando a reação de espanto do pai observada na imagem, suas propriedades mágicas ficaram suspensas por estar em Muralha, só tendo sido possível o seu uso quando Tristan o tocou, devido a sua particularidade de pertencer aos dois mundos.

Devido a descoberta do funcionamento do próprio mundo em contato com o outro, Tristan sai em direção ao muro. No filme, começa uma sequência de cenas mudando de Tristan para Yvane, que se aproximava da entrada do muro, sem saber das consequências, provocando ansiedade e medo no público com relação aos próximos acontecimentos. Yvane é salva pela mãe de Tristan que rapidamente é atacada pela bruxa que a fez de escrava, enquanto isso, a bruxa interpretada por Michelle Pfeiffer chega ao local, matando a outra bruxa e levando as duas mulheres como prisioneiras. Tudo isso aconteceu em frente à entrada do muro, sendo observada pelo guarda que, logo na sequência, encontrará Tristan.

Outro fator importante como demonstração do lógico naquela sociedade é a reação do guarda do muro com o encontro do maravilhoso (insólito aceito). Vamos lembrar, portanto, do aparecimento do personagem na análise da figura 2. A recusa do guarda de permitir a passagem do jovem Dustan Thorn e, posteriormente, de Tristan era devido às tradições locais, a obediência ao folclore local. Entretanto, quando finalmente presenciou a existência dos moradores do outro lado do muro, desistiu de sua função.

De acordo com Reis Filho (2019), Freud diz que o estranho é desencadeado pelo questionamento da compreensão acerca do mundo, portanto, o frisson do estranho é esse breve

esfacelamento do mundo. Para ele, essas discussões povoam as crenças supersticiosas antigas, provocando o inquietante a partir do momento em que o imaginário se torna realidade diante de nós. O que de fato é percebido na ação do personagem, afinal ele menciona que guardou a entrada do muro por oitenta anos, entretanto, ele nunca pensou na possibilidade de os outros seres atravessarem.

Isso demonstra que, mesmo pertencente a uma cultura específica com uma crença folclórica voltada ao sobrenatural, em algum momento ou talvez em momento nenhum, ele não tenha acreditado de fato na existência de outros seres até que os viu com os próprios olhos, provocando o medo por ser algo fora de sua normalidade. Na Figura 10, observamos outra situação, dessa vez, com o próprio personagem principal, revelando seu medo e sua busca pelo mundo familiar.

Como mencionado anteriormente, as bruxas estavam atrás da estrela, enviando uma delas para a missão de capturá-la. Dessa forma, criou-se uma armadilha, uma pousada, para que a estrela fosse bem cuidada e consequentemente brilhasse para que pudessem arrancar seu coração. Todavia, o plano falhou e, no desespero de não deixar a estrela fugir, a bruxa incendeia o lugar, encurrallando Tristan que protegia a estrela. Dessa forma, Tristan pede que a estrela o abrace e que pense em casa e use o poder da vela para fugir do local, entretanto, ele pensou em Muralha e ela no céu, fazendo com que, dessa forma, ambos ficasse presos nas nuvens, no meio do caminho entre as duas casas.

É interessante que, no momento do medo, observado na figura 10 e enfatizado pelo fogo bem característico de cor verde formando um caminho que os prende, tudo isso sendo enquadrado em um espaço apertado, dando uma sensação de perigo e angústia faz com que o personagem automaticamente pense no seu ambiente familiar, sua casa em Muralha. Logo, interpretamos essa tentativa contínua de retorno à realidade cotidiana, ao familiar, como uma forma de fugir do mundo fantástico e dar uma explicação ou simplesmente se negar a viver aquilo.

Muito embora, seja uma cena de perigo resultando em uma possível morte dos personagens, essas tentativas de voltar à realidade foram observadas em vários momentos, como na análise da figura 7. Além disso, nenhum outro lugar que eles já tenham passado foi considerado como rota de fuga e isso é devido ao personagem está sempre indo em busca do familiar e do conhecido, em que ele encontra segurança.

Amaral (2022) menciona a confusão sobre a Literatura Fantástica para os leitores e, no caso, para os espectadores devido às sobreposições de “gêneros” presentes na narrativa, afinal, “no estranho os fatos podem ser explicados pelas leis da razão, porém podem ser

consideradas extraordinárias, estranhas” (Amaral, 2022, p. 190). Dessa forma, ao mesmo tempo em que se tem a explicação natural, durante a narrativa, esses fenômenos foram presenciados como eles são: extraordinários.

Portanto, tendo em vista essa afirmativa, podemos perceber que no filme de *Stardust* (2007) a presença dos dois mundos não desvalida a existência de nenhuma regra presente em cada um, ou seja, tudo dependerá da escolha dos personagens, ele aceitará a existência do mundo fantástico ou não? Dessa forma, se Tristan tivesse conseguido retornar para casa no início de sua jornada ou decidido permanecer em Muralha com Vitória, no final, ele teria optado por viver no universo lógico. No estranho, entretanto, essa escolha não causaria o desaparecimento do mundo além do muro ou seu encontro com seres sobrenaturais.

Essa característica é presente no guarda e em Dustan Thorn, uma vez que Amaral (2022, p. 192) diz que “o estranho parte da possibilidade de explicar os acontecimentos sobrenaturais de uma forma racional. Ou seja, ela pode ser explicada de uma forma lógica (estranha), uma explicação pautada nas leis do nosso mundo”. Sendo assim, optando por viver no estranho simbolizado pela vila Muralha, o insólito passaria a ter propriedades que correspondessem a uma lógica possível naquela realidade, ou seja, para que algo de Stormhold existisse na Inglaterra, ele teria que tornar sua existência possível naquele lugar.

Consequentemente, sendo o conceito de gênero estranho a busca por uma explicação lógica para os acontecimentos sobrenaturais e maravilhosos, faz com que nós entendamos sua presença na narrativa a partir da escolha dos personagens, afinal, o mundo fantástico não sumirá, mas a decisão dos personagens de aceitarem aquela realidade só depende de suas escolhas, portanto, o fato de Tristan vivenciar o mágico, mas sempre pensar em retornar a sua vila nos faz pensar que ele busca voltar para aquilo que é conhecido e explicável negando o fantástico.

Além disso, essa percepção fica evidente pelos objetos como foi citado anteriormente, sua passagem de Stormhold para Muralha faz com que suas propriedades mágicas desapareçam, fazendo com que seus atributos se tornem plausíveis para o mundo atual, dessa forma, temos a presença do estranho negado a realidade que vem do fantástico.

2.2.4. A jornada de Tristan Thorn: o maravilhoso

Tristan: Look, I admire your dreaming. Shop boys like me, I could never imagined an adventure this big in order to have wished for it.

Tristan: I just thought, I'd find some lump of celestial rock and take it home, and that would be it.

Yvane: And you got me³⁸ (*Stardust*, 2007, 00:59:09 – 00:59:25).

Yvane: If there's one Thing I've learned in all my Years watching Earth, it's that people aren't what they may seem. There are shop boys and there are boys who just happen to work in shops for the time being, and trust me, Tristan, you're no shop boy³⁹ (*Stardust*, 2007, 00:59:35 – 00:59:52).

Tristan e Yvane, após fugirem da bruxa na pousada, ficam presos nas nuvens, pois ambos pensaram em suas casas, resultando no meio termo. Dessa forma, eles acabaram sendo capturados por comerciantes de raio em um barco voador. No meio de toda aquela confusão, eles são presos dentro de uma cabine enquanto esperavam as ordens do capitão. Sem saber se sairiam com vida, os dois começam a conversar, essa era a primeira interação amigável desde que se conheceram, resultando no diálogo acima.

Em face do perigo, o jovem começa a abrir seu coração, revelando como aquela jornada de fato o surpreendera, pois o que ele buscava era simplesmente um pedaço de rocha e que, por ser um vendedor, nunca teria imaginado estar vivendo tudo aquilo. Pires e Nogueira (2012) menciona que na narrativa cinematográfica os personagens são impulsionados a inquietação e com isso travam conflitos psicológicos emocionais e físicos. Além disso, o próprio espectador se envolve na trama por meio da identificação.

Nesse momento, o personagem entra no processo de autoidentificação. A estrela, embora possa ser analisada como objeto do estranho, que foge a estrutura familiar de ser inanimado, também faz parte do maravilhoso à medida que ganha vida, como cita Marinho (2006, p. 43): “o maravilhoso lida com o impossível, que muitas vezes, é plausível”. O fato de a estrela ser humana e afirmar que observava as pessoas na terra são possibilidades plausíveis possibilitadas pelo maravilhoso, dessa forma, com essa nova configuração de possibilidades que não fazem parte da mesma realidade de Tristan, Yvane, como ser maravilhoso, ajudará Tristan na sua mudança de perspectiva.

Após serem capturados e aprisionados pelos comerciantes ou piratas que comercializam raios, Tristan e Yvane são interrogados pelo capitão Shakespeare, conhecido por ser brutal. Após Tristan revelar que gostaria de ir para casa na Inglaterra, o capitão os leva até

³⁸ “Tristan: Olha, eu admiro o seu sonho. Vendedores como eu, eu nunca poderia imaginar uma aventura tão grande por um desejo.

Tristan: Eu apenas pensei, eu encontraria um pedaço de rocha celestial e levaria para casa, e pronto.

Yvane: E você me pegou” (*Stardust*, 2007, 00:59:09 – 00:59:25, tradução nossa).

³⁹ “Yvane: Se há uma coisa que aprendi em todos os meus anos observando a Terra, é que as pessoas não são o que parecem. Existem vendedores e há meninos que por acaso trabalham em lojas por enquanto, e acredite em mim, Tristan, você não é um vendedor” (*Stardust*, 2007, 00:59:35 – 00:59:52, tradução nossa).

a sua cabine, encenando a “morte” do rapaz que passa a ficar escondido no navio, enquanto engana seus homens dizendo que Yvane será sua mulher.

Depois que ele conseguiu afastar os outros membros do navio, conversa com os jovens e revela que sempre quis conhecer a Inglaterra. Na verdade, o capitão Shakespeare era uma pessoa amável e afeminada, tendo uma coleção de vestidos para uso pessoal. Desse momento em diante, o capitão ajudará os jovens, principalmente Tristan que passará a fingir ser seu sobrinho que o esperava no porto para embarcar.

Figura 11—A mudança provocada pelo maravilhoso



Fonte: *Stardust* (2007, 01:08:17- 01:08:22)

Tristan: - You're not from England?

Shakespeare: Oh, no, sadly, no. But from my earliest Youth, I lapped up the stories. People Always told me they were nothing more than folklore⁴⁰ (*Stardust*, 2007, 01:07:49 – 01:07:53).

Como é fundamentado por David Roas (2014), o mundo que é construído no maravilhoso deve apresentar signos que possam ser interpretados pela experiência do leitor. Nesse caso, com a experiência de mundo do personagem e do espectador que o acompanha. Dessa maneira, no diálogo temos o primeiro processo que nos remete a nossa própria realidade, o folclore. O personagem cita que, para eles, a Inglaterra não passava de um folclore, ou seja, não era real.

O personagem e os espectadores associarão automaticamente essa frase com a realidade vivida em Muralha, onde se tem um folclore local, entretanto, como podemos

⁴⁰ “Tristan: - Você não é da Inglaterra?

Shakespeare: Oh, não, infelizmente, não. Mas desde a minha juventude, absorvi as histórias. As pessoas sempre me disseram que não passavam de folclore” (*Stardust*, 2007, 01:07:49 – 01:07:53, tradução nossa).

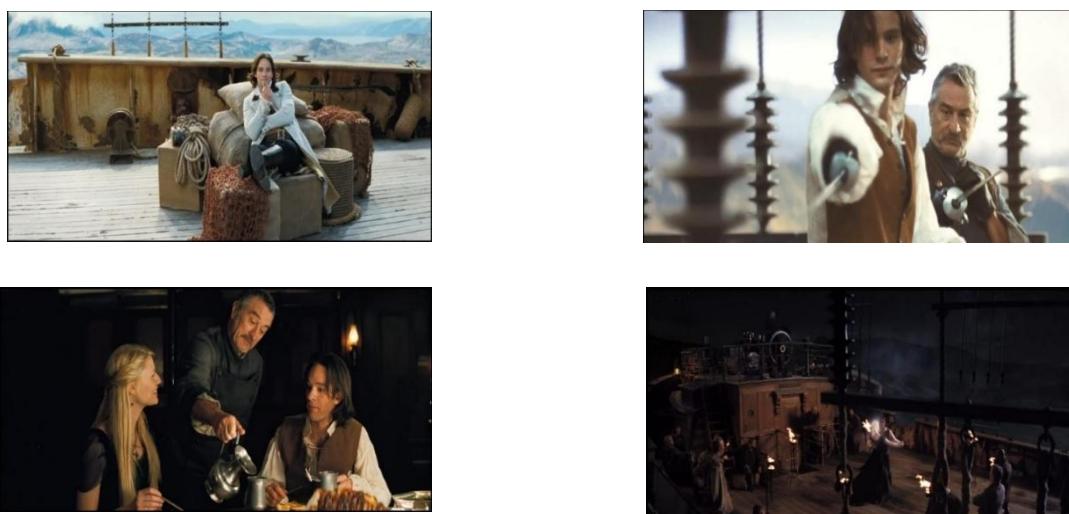
perceber pela fala e ações dos próprios personagens que a existência de Stormhold nunca foi considerada de fato, mas que a obediência vinha de uma tradição local em comum. Tristan, começa seu processo de identificação com o personagem, que aparentemente se assemelha mais ao seu mundo de origem do que aquele em que se encontra.

Se observarmos na figura 11, os processos de mudança do personagem se iniciaram pelo aspecto físico, muito embora, ele mesmo já tenha confessado seus anseios para Yvane enquanto estava preso, sendo o ponto de partida para a mudança psicológica e emocional. Devemos destacar o cenário em que se encontra os personagens, o ambiente está claro, amigável e lembra muito a forma elegante encontrada na Inglaterra naquele período e isso se deve ao fato de o capitão ter se inspirado no País, que também se autonomeou Shakespeare.

A narrativa de mistério e a narrativa de desenvolvimentos paralelos são, em certo sentido, opostas, embora possam coexistir na mesma obra. A primeira desmascara as semelhanças ilusórias, mostra a diferença entre dois fenômenos aparentemente semelhantes. A segunda, ao contrário, descobre a semelhança entre dois fenômenos diferentes e, à primeira vista, independentes (Todorov, 2006, p. 42).

Consequentemente, como uma narrativa paralela, com a existência de dois mundos distintos, cujas leis não interferem na existência de ambos, a narrativa como um todo, ainda encontrará semelhanças que complementarão as mudanças necessárias para a formação dos personagens ou do personagem. Dessa forma, como conclui David Roas (2014), o objetivo primordial da narrativa fantástica é buscar a reflexão sobre a realidade e os seus limites. Portanto, esse é o aspecto que determina que o mundo construído nas narrativas seja um reflexo da realidade cotidiana.

Figura 12 — A aceitação do maravilhoso



Fonte: *Stardust* (2007, 01:12:00 a 01:12:55)

Shakespeare: Mind you, I did my best to fit in. I tried to make my father, Captain Ghostmaker, proud.

Tristan: - I don't understand that. Surely it would make you happier, just to be yourself.

Tristan: Why fight to be accepted by people you don't actually want to be like?

Yvane: Yeah. Why would anyone do that to himself?⁴¹ (*Stardust*, 2007, 01:08:15 - 01:08:58).

Como citado por Rodrigues (2019), o maravilhoso para Felipe Furtado, não tem como objetivo interno discutir a existência de seus elementos sobrenaturais. A narrativa do maravilhoso parte de um mundo independente, cujas ocorrências se afastam da realidade lógica. Portanto, narrador e espectador se desvinculam do mundo conhecido, para vivenciar um universo mágico onde tudo é possível.

Embora existam simbolismos presentes no universo maravilhoso que nos permitem fazer associações, gerando assim uma identificação com os personagens, seus elementos e construções de mundo, por si mesmos, provocam esse afastamento do “real”. Entretanto, é devido a esse afastamento que os personagens e os espectadores podem viver novas possibilidades e conhecer a si mesmos mais profundamente.

Como podemos observar no diálogo, Shakespeare revela aos jovens que finge ser uma pessoa diferente para dar orgulho ao seu pai e a outras pessoas, afinal, ele construiu uma reputação como um pirata bruto. Todavia, essa forma de agir o desgasta e não proporciona felicidade para ele. Logo, Tristan questiona por que renunciar à felicidade para ser aceito por outros? E nisso, sua percepção volta a si mesmo, uma vez que ele mesmo estava fazendo a mesma coisa.

Isso fica mais evidente com a confirmação irônica de Yvane, pois ela estava tentando fazer com que o rapaz percebesse que toda a sua jornada foi no intuito de ser aceito por outras pessoas, que o seu amor estava sendo tratado como moeda de troca. Dessa forma, Tristan encontra a sua segunda mudança psicológica e emocional por meio do encontro com Shakespeare e Yvane que, como mencionado anteriormente, é uma estrela guia e que, pelo fato de ter pensado em sua casa, havia feito eles ficarem presos no céu, o que permitiu com que Tristan encontrasse a Shakespeare, cuja identificação proporcionaria sua mudança.

Carmo (2015) diz que, para Sartre, os acontecimentos fantásticos inseridos em um mundo real se tornarão naturais, dessa forma, se o leitor considerar os acontecimentos

⁴¹“Shakespeare: Veja bem, fiz o meu melhor para me encaixar. Tentei deixar meu pai, Capitão Ghostmaker, orgulhoso.

Tristan: - Não entendo isso. Certamente, ser apenas você mesmo o faria mais feliz.

Tristan: Por que lutar para ser aceito por pessoas que você não quer se parecer?

Ivane: Sim. Por que alguém faria isso consigo mesmo?” (*Stardust*, 2007, 01:08:15 - 01:08:58, tradução nossa).

extraordinários, todo esse mundo se tornará fantástico. Na figura 12, podemos perceber que cada quadro, a partir desse encontro e dessas mudanças geradas no personagem, passarão a ser situados pelo turno da manhã e que, mesmo nos períodos da noite, vai existir uma luz ao redor dos personagens e até mesmo a própria Yvane ilumina o ambiente como podemos observar no último frame.

Isso se deve aos efeitos da psicologia das cores que já foram abordados anteriormente, nesse momento a paleta presente como o laranja, o azul, o branco e o amarelo trazem uma sensação de conforto, alegria e, nesse caso, aceitação. De acordo com Gaveta (2023), as cores podem ser combinadas em um cenário para enfatizar emoções tanto dos personagens como para representar situações na narrativa.

Além disso, cada cor possui um significado: o laranja costuma ser associado com energia; o calor, equilíbrio; o azul com a lealdade, confiança, segurança, cura; o amarelo com relaxamento e alegria; o branco, que não faz parte do espectro de cores, representa proteção, amor e pureza (Qu4rto Studio, 2020)⁴². Dessa forma, com a combinação dessas cores nas cenas da figura 12 e da figura 11, podemos perceber como o maravilhoso estava começando a fazer parte da realidade do personagem Tristan.

Podemos concluir que o gênero Maravilhoso, sendo a aceitação de tudo aquilo que foge de uma realidade habitual, seja por meio de seres fantásticos ou até mesmo de um mundo completamente novo, passa a ser aceito pelo personagem que até então só conhecia a própria realidade lógica. Dessa forma, Tristan aceitou o maravilhoso como parte de sua vida e as luzes, o turno da manhã, as sensações aconchegantes, entre os personagens, demonstram essa aceitação, pois o próprio Tristan teve sua perspectiva transformada, encarando o mundo de outra forma, além da realidade já conhecida por ele.

⁴² Disponível em: <https://www.qu4rtostudio.com.br/post/a-teoria-das-cores-no-cinema>

NO MAN CAN LIVE FOREVER⁴³:EXCEPT HE WHO POSSESS THE HEART OF THE STAR

A presença do insólito, do extraordinário e do estranho faz parte da vida do ser humano desde o início dos povos, bem antes de a própria civilização ser formada. A manifestação desses seres sobrenaturais e lugares maravilhosos já eram encontradas nas histórias orais passadas de geração em geração.

Na verdade, o homem, no sentido amplo da palavra, buscava explicar sua própria realidade e o mundo que o cercava. Dessa forma, nasciam as histórias fantásticas. Entretanto, sua presença não era meramente ilustrativa, essas histórias faziam parte das crenças presentes em cada local do planeta, em que eram repassados ensinamentos, estilos de vida e fé.

Como fundamenta Zandonadi (2023), cada uma dessas histórias místicas representava uma visão do mundo e da condição humana como, por exemplo, os mitos gregos e seus deuses imortais no olimpo; as lendas nórdicas com suas batalhas épicas. Segundo ela, esses mitos ofereciam uma visão da sociedade e de como elas enxergavam o mundo ao seu redor.⁴⁴

As pessoas não só contavam histórias, mas também deixavam os seus legados nelas, pois acreditavam que esses seres existiam e que por meio deles todas as leis do mundo eram regidas. Por isso, conseguimos entender seus rituais, sacrifícios e seus princípios morais. No entanto, com o passar dos séculos, essa mentalidade foi sendo modificada, fazendo com que aquilo que era explicado no sobrenatural se tornasse em algo mais lógico e fosse explicado pela ciência.

Todavia, o pensamento do homem sempre volta para o insólito e isso se evidencia em suas crenças e em suas religiões, afinal, narrativas fantásticas estão sempre presentes retratando o impossível para a nossa realidade. De fato, as histórias dos gregos e nórdicos no século XXI foram reduzidas a simples histórias, fazendo com que, muitas vezes, esqueçamos o papel religioso que elas tinham na época.

Portanto, podemos concluir que o ser humano e sua realidade passam por constantes mudanças. Dessa forma, vale observar que o mesmo acontece com as histórias fantásticas, como vimos no início desta monografia. Em um mundo em que buscava sua explicação na lógica, empurrou-se as histórias sobrenaturais para outros lugares, mas elas não desapareceram.

⁴³ “Nenhum homem vive para sempre, exceto aquele que possui o coração de uma estrela” (Trecho retirado de *Stardust*, 2007, 02h1s, tradução nossa).

⁴⁴ Disponível em: <https://luisstoryteller.com.br/2023/07/26/o-papel-crucial-da-mitologia-na-fantasia/>.

Surgem, assim, as literaturas, as pinturas, as poesias, o cinema e outras formas de arte que passaram a utilizar o fantástico. Essas narrativas, embora pareçam sem conexão com a realidade, buscavam trazer reflexões sobre a forma como a sociedade funciona, além de trazer assuntos relacionados aos desejos humanos que não poderiam ser expressos devido a uma estrutura social com tabus.

Tendo em vista essa relação do fantástico, que em muitos momentos se distancia e em outras se aproxima da nossa realidade, decidimos realizar esta pesquisa tendo o personagem Tristan como referência dessas vivências com o Fantástico, o Maravilhoso e o Estranho. A partir dessas situações experimentadas por ele é que conseguimos observar as relações que ocorrem no meio social e no indivíduo.

Portanto, levando em consideração essas discussões, buscamos responder à seguinte questão: como Tristan, o protagonista da obra cinematográfica Stardust (2007), vivencia o estranho e o maravilhoso e qual a sua relação com o mundo real? A fim de responder essa questão, foram elaborados os seguintes objetivos específicos: discutir os pressupostos teóricos do mundo real e da Literatura Fantástica, na perspectiva do estranho e do maravilhoso; identificar os (des)encontros entre o mundo fantástico e o mundo real durante a jornada de Tristan; compreender quais elementos possuem relação com o estranho e o maravilhoso na perspectiva de Tristan.

Os objetivos propostos foram alcançados e a pergunta da pesquisa foi respondida, uma vez que, em nossas análises, conseguimos identificar os desencontros entre os mundos devido às diferentes características de realidade, uma fundamentada na lógica, representada por Muralha, localizada na Inglaterra, e a outra no sobrenatural, representada por Stormhold. Devido a essas diferenças entre possível e impossível, percebemos as descrenças em um mundo diferente e as reações quando esses elementos se encontravam.

Os encontros foram observados por meio de alegorias e metáforas, trazendo elementos morais como uma reflexão da sociedade, haja vista que, mesmo que de forma diferente, as mesmas questões de moralidade se manifestam em ambos os mundos. Além disso, o encontro entre os seres presentes de ambos os locais, mostra a conexão entre a realidade e o fantástico, sendo a coroação o momento em que ambos os mundos colaboraram, como um casamento perfeito, simbolizando o complemento um do outro. Assim, concluímos que o fantástico se fundamenta na realidade para existir e, ao mesmo tempo, transgride.

Sobre a jornada do protagonista, Tristan vivenciou o estranho e o maravilhoso, dois gêneros presentes no fantástico, sendo que o estranho busca uma explicação lógica para os eventos e o maravilhoso é a aceitação sem questionamento desses eventos insólitos. Devido à

obra se apresentar em grande parte dentro do universo fantástico e considerando que os mundos são independentes um do outro, o fato de Tristan sempre querer retornar à Muralha, tratar Yvane como um presente, mesmo ela sendo uma mulher ferida, levou-nos a ver o estranho como essa tentativa de retornar à normalidade das coisas.

De fato, o próprio muro representa a linha tênue entre os dois muros, o limite de aceitação de cada um. Dessa forma, tudo que era sobrenatural que passava pelo muro retornava às suas propriedades normais, a vela mágica se tornava comum e a estrela voltava a ser rocha. Dessa forma, conseguimos identificar o estranho nas ações que o personagem Tristan tomava.

Por outro lado, o Maravilhoso, que é uma completa fuga daquilo que é ordinário, permitiu que Tristan pudesse se ver livre das expectativas impostas a ele, dessa forma, ele conseguiu se tornar aquilo que tanto desejou, porque foi capaz de olhar para si e para as situações ao seu redor de outra maneira. Nesse caso, embora o maravilhoso seja o total oposto do mundo cotidiano, ainda assim, ele revela o oculto por meio de metáforas e pelo processo de identificação. Sendo assim, o escapismo que Tristan encontrou é aquele que faz com que o indivíduo tenha condições de evoluir e não no sentido de fugir como foi mencionado por Tolkien sobre os tipos de escapismos.

Com relação às dificuldades encontradas durante esse período de escrita, podemos citar a busca por trabalhos mais atuais que agregassem à pesquisa, além de que o campo da literatura fantástica é muito extenso, com várias possibilidades e semelhanças entre si. Portanto, foi reservado um bom tempo para que eu pudesse entender de que forma cada gênero e situação se encaixaria com o que gostaríamos que fosse alcançado. Além disso, por se tratar de um filme de 2007, melhorar a qualidade das imagens foi um desafio.

Dito isso, esperamos que este trabalho possa contribuir para a reflexão das narrativas fantásticas não como uma fuga da realidade, mas como um complemento dela, afinal, nós, seres humanos, somos os responsáveis pela criação desses mundos incríveis, embora distantes em elementos e aspectos visuais, mas iguais em construções de pensamento que nos ajudam a olhar nossa realidade de outra maneira.

Dessa forma, gostaria de ressaltar a importância pessoal que este trabalho teve em nossas vidas, afinal, ele mostrou que ser alguém que sonha, imagina e cria é tão essencial para gerar mudanças quanto qualquer outra pessoa. Dessa forma, imaginar novas possibilidades não nos tira da realidade, mas nos mantém mais próximos a ela. Portanto, espero que esta monografia tenha gerado um gosto pelo olhar fantástico e que mais continuações deste trabalho possam ser realizadas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, B. B. **A Literatura Fantástica:** Percurso Histórico e Conceitual Fantastic Literature: Historical and Conceptual Path. Revista Porto das Letras, 2022. p. 185–202.

ALVAREZ, Roxana Guadalupe Herrera. O neofantástico. Revista FronteiraZ, São Paulo, n. 9, dezembro de 2012.

ALMEIDA, Rogério Caetano de; CAVALHEIRO, Matheus Gustavo. **O insólito em Stardust:** análise intermidiática. LETRAS DE HOJE, Porto Alegre, v. 55, ed. 1, p. 94-106, 2020.

ARAÚJO, Rayssa Batista. **Uma odisseia na Terra-Média:** uma análise do arquétipo do herói e do sábio sob a perspectiva da fantasia e do maravilhoso mítico. Mamanguape, 2023.

ALAZRAKI, Jaime. ¿Qué es lo neofantástico? In: ROAS, David (Org.). **Teorías de lo fantástico.** Madrid: Arco/Libros, 2001. p. 265-282.

ATTEBERY, B. **The fantasy tradition in American literature:** From Irving to Le Guin. Bloomington, MN, USA: Indiana University Press, 1980.

BOULD, Mark; VINT, Sherryl. Political readings. In: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah. **The Cambridge companion to Fantasy Literature.** São Paulo: Cambridge University Press, 2012. Cap. 8.

BBC NEWS MUNDO. As disputas familiares entre 3 primos-irmãos que desencadearam a 1º Guerra Mundial. BBC News Brasil, 2021. Disponível em:
<https://www.bbc.com/portuguese/geral-55016098>. Acesso em: 01 de dez. de 2024.

CARMO, Adolfo Aguinaldo. **Considerações sobre o Fantástico na Literatura.** Memeto, 2015. v. 06, p.17.

CARVALHO, Jairo Dias. **Arte e mundos possíveis.** AISTHE, [s. l.], ano 120-137, v. VI, ed. 10, 2012.

CAVALHEIRO, Matheus Gustavo. **O insólito em Stardust:** Análise de duas linguagens. Curitiba, 2017.

CAMPELL, Hayley. **The Art of Neil Gaiman.** New York: Harper Design, 2014.

CHANDLER, Daniel. **An introduction to Genre Theory.** 1997, p.15. disponível em:
<http://visual-memory.co.uk/daniel//Documents/intgenre/intgenre.html>.

CESERANI, Remo. **O Fantástico.** Trad. Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba, UFPR, 2006.

CAMARANI, Ana Luiza Silva. **A literatura fantástica:** caminhos teóricos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. 217 p. ISBN 978-85-7983-555-1.

CORREIA, Otávio Henrique Sousa. **A MENTIRA HOMÉRICA EM FACE DA POÉTICA DE ARISTÓTELES.** 2023. 40 f. Trabalho de conclusão de curso (Filosofia) - Universidade de Brasília Instituto de Ciências Humanas Departamento de Filosofia, BRASÍLIA, 2023.

CORREIA, F. da C. **Fantasy:** o herdeiro mainstream do fantástico-maravilhoso. Cadernos de Pós -Graduação em Letras, v. 21, n. 1, p. 135-151, jan./abr. 2021. doi: 10.5935/cadernosletras. v21n1p135-151.

CAMPION, Nicholas. **Astrology and Cosmology in the World's Religions.** New York and London: NEW YORK UNIVERSITY PRESS, 2012. 284 p. ISBN 978-0-8147-4445-1. E-book.

CHIAMPI, Irlemar. **O Realismo maravilhoso:** forma e ideologia no romance hispano americano. São Paulo: Perspectiva, 1980.

DA SILVA NETO, M. P. **DIÁRIOS DE VIAGEM À TERRA-MÉDIA: LITERATURA FANTÁSTICA, ECOLOGIA E ENSINO DE CIÊNCIAS.** CAMPINA GRANDE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS I, 2021.

DA ROSA JUNIOR, F. Ailton Paulo. **Dos Bosques Encantados para o mundo Contemporâneo:** a permanência dos contos de fadas entre os jovens leitores. Pelotas, 2018. P. 140.

Dos Santos, Fabiano Castro; Fernandez, J. Landeira. **Alma, mente e cérebro na pré-história e nas primeiras civilizações humanas.** Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 23, 2010, p. 141-152

DELEUZE, Gilles. **Cinema2: The Time-Image.** U.S.A: University of Minnesota Press Minneapolis, 1989. 364 p. v. 2. ISBN 0-8166-1677-9.

DA SILVA, Alexandre Meireles. O que é Literatura WEIRD? Youtube, 3 de mai. de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=haVZ2f7faQE&t=98s>>.

DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia da pesquisa em literatura.** 1. ed. - São Paulo: Parábola, 2020.

FRATUCCI, Amanda da S. A. **FANTÁSTICO TRADICIONAL:** Do século XIX à contemporaneidade. [s.l] 2017. Disponível em: <https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522170235.pdf>. acesso em: 19 de novembro de 2024.

FIMI, Dimitra. **Imagining the Celtic Past in Morden Fantasy.** New York: Bloomsbury Academy, 2023.

FISHER, M. **The weird and the eerie.** Londres, England: Repeater Books, 2017. P. 137.

FARIA, P. A. G. DE; RAMOS, M. C. T. O maravilhoso em narrativas curtas italianas: as fiabe pelos séculos. In: **Considerações sobre o maravilhoso na literatura e seus arredores.** São José do Rio Preto - SP: UNESP/IBILCE, 2021. p. 268.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GAVETA. **Psicologia das Cores no Cinema.** Youtube. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XHuPziukEFM&t=968s>. Acesso em: 06 de jan. 2025.

GOROG, Jean- jacque. **O que é real para Lacan? Stylus,** Rio de Janeiro, ed. 38, 2019.

GARCÍA, Flavio. **ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO NARRATIVA E NOVOS DISCURSOS FANTÁSTICOS NA FICÇÃO DE MIA COUTO: SUAS INCOERENTES PERSONAGENS INSÓLITAS.** Mulemba, Rio de Janeiro, v. 1, ed. 10, p. 11, jan/jun. 2014.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. **A LITERATURA FANTÁSTICA: GÊNERO OU MODO?** Terra roxa e outras terras: revista de estudos literários, [s. l.], v. 26, p. 19-31, 2013.

LAGE PRIMO, Gabriel Arthur. **A linguagem dos mundos possíveis.** 4º encontro de pesquisa na graduação em filosofia da Unesp, Ouro Preto, v. 2, ed. 2, p. 63-71, 2009. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/GabrielPrimo\(63-71\).pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/GabrielPrimo(63-71).pdf). Acesso em: 10 nov. 2024.

LOVECRAFT, H.P. **Notas sobre los escritos de literatura fantástica.** Book designer program, 2008.

LOVECRAFT, H.P. **Supernatural Horror in Literature.** Freeditorial, 1927.

LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval.** Rio de Janeiro, 1983.

LEAL, Kamylla Ferraz; OLIVEIRA, Silvana. **A figuração das personagens femininas na Literatura Fantástica de Júlio Cortázar:** Uma análise de Delia Mañara e Alina Reyes. Script Alumni, Curitiba, v. 26, ed. 1, p. 59-78, 2023.

MARINHO, Celisa Carolina Alvares. **Contribuições para uma poética do maravilhoso:** um estudo comparativo entre narratividade literária e cinematográfica. 2006. 181 p. Tese (Estudos comparados de literatura e língua portuguesa) - Faculdade de Letras Clássicas e Vernáculas Literatura comparada, São Paulo, 2006.

MENNA, Ligia R M C. **Uma odisseia na Terra média:** uma análise do arquétipo do herói e do sábio sob a perspectiva da fantasia e do maravilhoso mítico. UNIP-USP, 2017.

MAUREY, Vivi. **O paradoxo do escapismo.** 2019. Disponível em:
<https://cheirodelivro.com/o-paradoxo-do-escapismo/>.

MARCILIO, Josué. JOSÉ J. VEIGA: Os pecados da tribo- realismo maravilhoso à brasileira. Cuiabá, 2010, p. 18.

MOURA, Breno Arsioli. **O que é natureza da ciência e qual sua relação com a história e filosofia da ciência?** Revista brasileira de história da ciência, Rio de Janeiro, v. 7, ed. 1, p. 32-46, jan/jun 2014.

NOGUEIRA, L. **Manuais de Cinema II Géneros Cinematográficos.** [s.l.] LabCom, 2010.

NAVAS, Diana. **Literatura e ciência:** Campos antagônicos ou complementares? Ciência e cultura, São Paulo, v. 72, ed. 1, p. 37 -40, 2020.

Napier, Meghan R."**The Problem of the Ordinary:** Liberating the Fantastic and the Uncanny". 2012. Honors Theses. 37. <http://scarab.bates.edu/honortheses/37>

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica:** um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: UFG, 2011. p.72

PASSOS, Alves Franceilton. **A Metamorfose nos Contos de Fada da Madamed'Aulnoy.** João Pessoa, 2020. p. 97.

PIRES, Caroline Anielle S. B.; NOGUEIRA, Lisandro Magalhães. **Olhares com os quais se olha:** desafios da produção de conhecimento na análise filmica. anais do V Seminário nacional de Pesquisa em arte e cultura Visual, p. 641–651, 2012.

QU4RTO STUDIO. **A teoria das cores e sua aplicação no cinema.** 11 de set. 2020. Disponível em: <<https://www.qu4rtostudio.com.br/post/a-teoria-das-cores-no-cinema>> Acesso em: 07 de jan. 2025.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico: aproximações teóricas.** Trad. Julián Fuks. São Paulo; Unesp, 2014.

RASLAN, Eliane Meire Soares. Os sentidos das cores no cinema: cromofilia e sincronismo. SCIAS.Arte/Educação, Belo Horizonte, v. 9, ed. 1, p. 59-75, jan/jun 2021.

RODRIGUES, Aline Silveira. **O FANTÁSTICO, O ESTRANHO E O MARAVILHOSO NOS CURTAS-METRAGENS DE JULIANA ROJAS.** Orientador: Profa. Dra. Miriam de

SOUZA, Rossini. 2019. 94 f. **Trabalho de conclusão de curso (Publicidade e Propaganda)** - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, 2019.

REIS FILHO, Lucio. **O chamado de Lovecraft**: visões da américa profunda no cinema de horror da segunda metade do século XX. São Paulo, 2019.

RAMOS, Maria Celeste Tommasello. **O maravilhoso em narrativas curtas italianas**: as fiabe pelos séculos. In: REIS, Adriana Aparecida de Jesus et al. Considerações sobre o maravilhoso na literatura e seus arredores. São José do Rio Preto: UNESP/IBILCE, 2021. cap. 2, p. 28-44. ISBN 978-65-990334-8-3.

REIS, Vilto. **Por que os jovens andam lendo fantasia?**. 2024. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/jovens-fantasia-literatura/>.

RIERA, Raquel. **Breve Percurso Teórico pelo Gênero Fantástico**. Primeira Escrita, Campinas, v. 10, ed. 2, p. 06-16, 21 set. 2023.

Silva Fouto, R., & Sá, D. S. de. (2021). **Entrevista com Dimitra Fimi**: Estudos sobre J. R. R. Tolkien (Bilingue). Jangada: Crítica | Literatura | Artes, 9(2), 339–351. <https://doi.org/10.35921/jangada.v1i18.370>.

SANTOS, Marcelo Moreira. **Cinema e semiótica: a construção sínica do discurso cinematográfico**. Revista Fronteiras – estudos midiáticos, São Paulo, v. 13, ed. 1, p. 12-19, jan/abr 2011.

SILVA, Anna Lúcia. **Sempre ouvi que era bonita de rosto, mas precisava emagrecer e fiz loucuras**: especialistas apontam quais valores estão em jogo pela ditadura da beleza. G1-Centro Oeste de Minas, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/centro-oeste/noticia/2022/03/08/sempre-ouvi-que-era-bonita-de-rosto-mas-precisava-emagrecer-e-fiz-loucuras-especialistas-apontam-quais-valores-estao-em-jogo-pela-ditadura-da-beleza.ghtml>>. Acesso em: 01 de dez. de 2024.

SAMMONS, Martha C. **War of the Fantasy Worlds**: C. S. Lewis and J. R. R. Tolkien on Art and Imagination. Oxford: ABC-CLIO, 2010.

SILVA, Gabriela Ribeiro. **Mito Nôrdico e a constituição do real segundo Ernst Cassirer**. João Pessoa, 2020.

SILVA, Franco.S. **Introdução a modalidade e aos mundos possíveis**. Revista Minerva, 2022. Disponível em: <<https://www.revistaminerva.pt/introducao-a-modalidade-e-aos-mundos-possiveis-mariana-patricia-franco-teixeira-da-silva/>>. Acesso em: 15 de nov. de 2024.

Storytellers' Studio. **Neil Gaiman and His Inspiration for Stardust**. Youtube, 30 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JAc9vjOQxEE>.

STARDUST. Direção: **Matthew Vaughn.** Roteiro: Matthew Vaughn, Jane Goldman e Neil Gaiman. EUA e Canadá: Paramount Pictures, 2007.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas Narrativas.** São Paulo: Pespectiva, 2006. ISBN 85-273-0386-8.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura Fantastica.** Tradução: Maria Clara Correa Castello. São Paulo. 4. ed. Pespectiva, 2019.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **Árvore e folha.** Tradução de Reinaldo José Lopes. 1. ed. Rio de janeiro: HarperCollins, 2020.

VILLAÇA, Pablo. **Críticas.** 2007. Disponível em:
<https://www.cinemaemcena.com.br/Critica/Filme/6344/stardust-o-misterio-da-estrela>. Acesso em: 16 jun. 2024.

Zandonadi, Rod. **O papel crucial da mitologia na fantasia.** Luis Storyteller, 2023.
Disponível em: <https://luisstoryteller.com.br/2023/07/26/o-papel-crucial-da-mitologia-na-fantasia/>. Acesso em: 02 de dez. de 2024.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; BARP, Guilherme. A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO FICCIONAL NO CONTO FANTÁSTICO “AS FLORES”, DE AUGUSTA FARO. **Terra roxa e outras terras**, [s. l.], v. 44, ed. 2, p. 93-105, 2024.